

PREÂMBULO

TEMPOS TRANSFORMADORES E DESAFIADORES

“O pensamento comum tem uma visão linear do futuro. Imaginamos que vai ser mais ou menos a continuação do que é hoje. Mas precisamos começar a entender que ele não é necessariamente linear e contínuo: pode ser positivo, negativo, equilibrado, desequilibrado, catastrófico, utópico...O que temos a fazer é investigar e explorar possíveis caminhos a esses futuros” (Letícia Rueda Setembro).

O mundo, queiramos ou não, se renova a cada instante. Mudanças velozes, surpreendentes, que nos causam vertigem, nos provocam sustos, surtos até. Impossível interromper as transformações diárias – científicas, tecnológicas, filosóficas - tornando obsoletos quantos de nossos posicionamentos, conceitos, embasamentos. Estamos sempre em processo de aprendizado, reconexão, mutação, portanto submetidos, irreversivelmente, à reflexão, à autocrítica, revisão.

Somos incomodados, espichados a todo e qualquer momento – até mesmo atropelados. Para os que ficam atrás, o que só ocorrer com muitos de nós, talentos são perdidos, desperdiçados ou sub-utilizados, pois o mercado de trabalho, a ciência, a economia avançam; muitas vezes, toda uma nação vê-se fadada ao subdesenvolvimento, à estagnação ante a falta de políticas públicas e iniciativa privada. Ontem e hoje, infelizmente, grandes grupos ou vertentes sociais acham-se ainda sub-representados – negros, jovens, mulheres, crianças, deficientes – que demandam ser incluídos social, profissional e plenamente.

Afinal – e ademais – são tempos de quebra de paradigmas, em que temos que conviver/interagir com diversidades, novas culturas, um novo olhar que nos forcem a reconhecer, revalorizar, fortalecer as relações pessoais, novos saberes, valores em toda a sua essência, universalidade e espiritualidade. A habilidade em leituras e compreensão do futuro (foresight) treinando-se mentes visionárias, inovadoras, engajadas, proficientes, atentas às megatendências e impactos relevantes do hoje e do amanhã (econômicos, demográficos, ambientais, sociais, geopolíticos etc.). E a contextualização da pessoa humana em todos os seus níveis, como fator-chave de toda ordem planetária. Entendermos/exercitarmos efetivamente e ademais, conforme reza o art. 2º da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948). “Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e liberdades estabelecidas nesta declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de qualquer natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição”.

O conhecimento advindo da evolução e inovação tem que ser dosado, adequado, bem aplicado e amplamente distribuído, de forma a orientar e enriquecer a todos. Antigo e novo conjugados, compondo uma sinfonia de progresso e prosperidade comum. Cabe ao ser humano, mormente os líderes, serem judiciosos, benevolentes, como bons gestores dos armazéns divinos. “O escriba instruído no reino dos céus tira de seu depósito coisas novas e coisas velhas” (Mt 13,52).

Memórias Gustativas e Cultura Mineira em Palavras

Adentre o universo literário de Pedro Nava e descubra como suas obras memorialísticas transcendem o tempo, revelando as tradições culinárias e os costumes familiares de Minas Gerais. Explore os sabores, aromas e emoções que permeiam suas histórias, reavivando memórias de uma época mítica e nostálgica. Navegue pelas páginas que conectam a alimentação à genealogia, à cultura e à rica herança mineira, revelando a magia da cozinha e da vida cotidiana nas palavras deste autor único.

Pág. 4

São Tiago: Uma Jornada de Fé e Devoção

Descubra a emocionante história de São Tiago, o padroeiro de nossa cidade, e a celebração que une nossa comunidade em uma festa de fé e devoção. Desde o planejamento cuidadoso até as procissões emocionantes, explore como nossa cidade honra esse grande apóstolo e vivencia um momento de profunda espiritualidade. Testemunhe a devoção fervorosa dos fiéis enquanto celebramos São Tiago e expressamos nossa gratidão por sua proteção.

Pág. 14

A Terra dos Biscoitos Artesanais e da Tradição Centenária

Descubra a história fascinante por trás dos biscoitos artesanais de São Tiago, Minas Gerais, que atravessa gerações e conquistou uma distinta Indicação Geográfica. Explore a festa do “Café com Biscoito” e mergulhe na cultura, receitas familiares e na economia florescente desta cidade encantadora, onde cada biscoito conta uma história de tradição e sabor.

Pág. 20



ADIVINHAS

- 1- O que é, o que é? A capital brasileira que está presente em todos os aniversários.
- 2- O que é, o que é? A diferença entre a bota e a calça.
- 3- O que é, o que é? Que dá o poder de atravessar paredes.
- 4- O que é, o que é? Tem centenas de rodas, mas não sai do lugar.

Respostas: 1- Palmas, 2- A bota, a gente calça, e a calça, a gente bota, 3- A porta, 4) O estacionamento.

Provérbios e Adágios

- Tempo gasto com mulher e baralho, voa.
- Onde não há gato, o rato é rei.
- O que perdeu nos alhos, quer ganhar nas cebolas.
- Quem receia passarinhos, não semeia milho.
- Longas vias, longas mentiras.



Para refletir

- Se o único ideal do homem é a busca da felicidade pessoal por meio do acúmulo de bens materiais, a humanidade é uma espécie diminuída. (Eric Hobsbawn)
- A vida só é possível reinventada. (Cecilia Meirelles)
- Senhor, são os remos ou são as ondas, o que dirige o meu barco? (Emílio Moura)
- Se as pessoas soubessem como são feitas as salsichas e as leis, não comeriam as primeiras e não obedeceriam às segundas. (Winston Churchill)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu. Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

CARTA DO PROFESSOR DE THOMAS EDISON PARA SUA MÃE

Certo dia, Thomas Edison chegou em casa com um bilhete para sua mãe.

Ele disse, "meu professor me deu este papel para entregar apenas a você."

Os olhos da mãe lacrimejavam ao ler a carta e resolveu ler em voz alta para seu filho: "Seu filho é um gênio.

Esta escola é muito pequena para ele e não tem suficientes professores ao seu nível para treiná-lo. Por favor, ensine-o você mesmo!"

Depois de muitos anos, Thomas Edison veio a se tornar um dos maiores inventores do século.

Após o falecimento de sua mãe, resolveu arrumar a casa quando viu um papel dobrado no canto de uma gaveta. Ele pegou e abriu.

Para sua surpresa era a antiga carta que seu professor havia mandado a sua mãe porém o conteúdo era outro que sua mãe leu anos atrás.

"Seu filho é confuso e tem problemas mentais. Não vamos deixá-lo vir mais à escola!"

Edison chorou durante horas e então escreveu em seu diário: "Thomas Edison era uma criança confusa mas graças a uma mãe heroína e dedicada, tornou-se o gênio do século."

Existem certos momentos da vida onde é necessário mudar o "conteúdo da carta" para que o objetivo seja alcançado....

VIDA BOA

Francisco Bastos

Será que precisamos de Remédios para combater doenças?

O que gera saúde é um estilo de vida boa, equilibrada, boa alimentação, prática de esportes, harmonia familiar e social.

A natureza sempre nos ofereceu os melhores alimentos: frutas, verduras e chás, desde sempre.

Os chineses descobriram as primeiras 1500 substâncias que originaram os medicamentos e nos deixaram esse legado há muito tempo.

Entretanto não são só os remédios que dão saúde e sim a boa qualidade de vida. Cuidado com remédios, eles têm suas complicações. Para tomar remédio é preciso muita saúde!

A ganância da Bigpharma (grandes empresas da indústria farmacêutica) transformou essas substâncias, em nome do progresso, mas lucraram e lucram desmesuradamente.

Os diversos tipos de câncer representam doenças em que algumas das nossas milhões de células desandam e se multiplicam desordenadas podendo matar as pessoas.

Nosso organismo têm mecanismos de defesa contra esse tipo de anomalias, mas para usar essas defesas precisamos estar em Paz e Amor, Equilíbrio, boa alimentação e fazendo exercícios. Um combo de felicidade.

Pode parecer fácil, mas é difícil, porque a humanidade não consegue entender totalmente o mundo que a rodeia.

Temos tanta coisa no inconsciente que nos conduz a práticas erradas. Precisamos refletir muito para avançar até um futuro melhor.

A minha dor é perceber que sou o meu inconsciente e vivo a ideologia dominante.

Abraço

www.franciscoreisbastos.com.br
Belo Horizonte. - BRASIL

Realização:



Apoio:



AO PÉ DA FOGUEIRA

O BOIADEIRO JOSÉ HORÁCIO E A CILADA

Acabara de entregar a manada de setecentos bois cevados ao frigorífico. Tudo conferido, carimbado. Mais uma missão cumprida, dentre as dezenas já realizadas ao longo de décadas, pela eficiente comitiva, sob sua direção, conduzindo boiadas desde o centro oeste e sul de Minas até aqueles rincões fluminenses. Frigoríficos e abatedouros de Itaperuna, Belfort Roxo, Mesquita, Nova Iguaçu, dentre tantos, seus destinatários finais.

Agora era esperar o pessoal da contabilidade providenciar o acerto (nota de crédito) e dali direto à agência bancária e, a seguir, estação ferroviária, onde embarcaria ele, demais peões e cavalos até Juiz de Fora. Para agilizar o retorno, determinara a dois dos companheiros irem adiante, providenciando o embarque dos cavalos e tralhas na estação, enquanto ele e mais dois passariam na agência, dali ao hotel para o apanho das malas e acerto de diárias.

Os bancos, naqueles tempos, meados do século passado, tinham o processo de emitir ordem de pagamentos (payment card) para outras agências, uma espécie de cheque administrativo, expediente sempre utilizado por José Horácio e praticamente todos os demais boiaqueiros em suas transações, após a entrega das boiadas, com a competente emissão creditícia pelo frigorífico ou abatedouro.

Chegando à agência bancária, área central da cidade, surgem problemas. Inusitados, senão impensáveis. Informaram-no de que não havia impresso disponível para a emissão da ordem de pagamento discricionária (de que havia esgotado o impresso, a agência não estava operando aquela modalidade por aqueles dias, máquina processadora com avaria, uma cantilena de todo tamanho). A única solução seria levar o valor de dinheiro em espécie, grana viva e que tal providência ainda iria demorar, pois necessitavam autorização do tesoureiro – naquele momento, ausente – para acessar o cofre, liberar a grana etc. Era a única alternativa, segundo os atendentes do banco.

Não tendo maiores opções, o boiaqueiro aguardou as providências internas, tendo ainda que contar e recontar as cédulas, embrulhá-las disfarçando-as da melhor forma possível, o que levou, enfim, bom tempo. Saindo da agência, sobraçando os encorpados volumes, acolitado pelos dois companheiros de oito, em meio ao rush urbano, ao passarem por uma esquina, viram-se em meio a uma briga (forjada, apurou-se depois) envolvendo uns quatro ou cinco estranhos, que, de contendores passaram a aliados, cercando o boiaqueiro e acompanhantes, aplicando-lhes golpes brutais, derrubando-os duramente ao chão, momento em que os pacotes caíram, num átimo surrupiados pelos marginais, soverendo-se esses agilmente em meio à multidão e ao tumulto reinante. Em questão de segundos, José Horácio e camaradas ali estavam ao solo, feridos, escalavrados, roupas em desalinho, sem pertences, sem o dinheiro de setecentos bois...

Boletim de ocorrência providenciado, mais alguns dias por ali na tentativa de se localizar ou se ter alguma pista do numerário roubado, não teve José Horácio outra escolha senão retornar à terra de origem (residia, então, em São Vicente de Minas) sem saber como pagar os fazendeiros – alguns deles de nossa região – de quem tinha adquirido a crédito as reses. Levaria anos, enfim, para quitar tais compromissos, tendo os criadores que esperarem a reabilitação financeira do laborioso boiaqueiro.

Anos passados, fortes suspeitas sobre funcionários da agência bancária, pois situações semelhantes ocorreram com outros clientes da instituição, apurou-se que o chefe da quadrilha⁽²⁾ composta por alguns funcionários e ainda terceiros, era o tesoureiro do estabelecimento...

Coisas de terras fluminenses....

“Boiaqueiro muito tempo, laço firme e braço forte muito gado, muita gente pela vida segurei (...)
O mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
Já que, um dia, montei, agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte num reino que não tem rei.”

(Geraldo Vandré – “Disparada” – 1968)

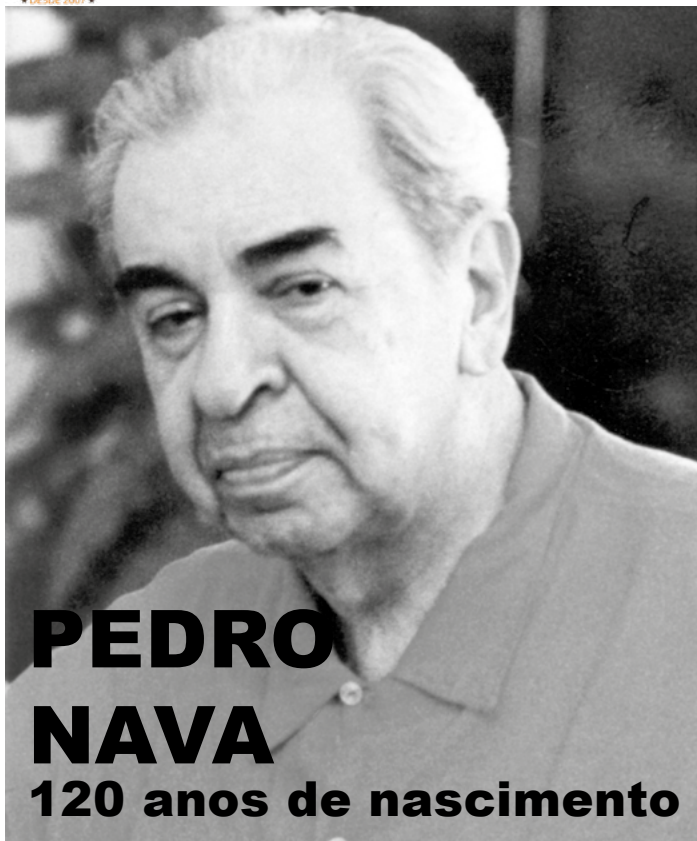
NOTAS

(1) José Martins da Fonseca (José Horácio) um dos mais conhecidos e conceituados boiaqueiros do Centro-Oeste e Sul de Minas em meados do século XX. Nascido aos 20-09-1916 no distrito de São José dos Lopes, município de Lima Duarte (MG) e falecido aos 20-10-1970 em São Vicente de Minas, onde tinha propriedades e residência. Realizou dezenas de viagens no lombo de um cavalo pelos rincões mineiros, paulistas, fluminenses comercializando gado. Homem idôneo, de largas relações sociais e profissionais, deixou um legado de honradez e trabalho em toda a região.

Sobre José Horácio, ver matéria em nosso boletim n. CXL maio/2019

(2) Frequentemente, a imprensa, através de noticiários policiais, aborda a existência de quadrilhas especializadas em crimes financeiros, muitas delas contando, dentre seus membros ou mesmo líderes, gente ligada ao sistema financeiro-bancário. E que são competentemente investigadas e desbaratadas pelas autoridades policiais e ministério público.





PEDRO NAVA

120 anos de nascimento

Médico, escritor e memorialista de renome, Pedro Nava nasceu em Juiz de Fora (MG) aos 05-06-1903, filho do médico cearense José Pedro da Silva Nava e da mineira Diva Mariana Jaguaribe Nava. Era primo da escritora Raquel de Queirós. Órfão de pai em 1911. Estudou as primeiras letras no Colégio Andrés de Juiz de Fora. Residiu no Rio de Janeiro entre 1911 e 1913, ano em que se mudou para Belo Horizonte, ingressando no Colégio Anglo-Brasileiro. Retorna ao Rio de Janeiro, onde matricula-se no Colégio Pedro II, aí se formando em Humanidades em 1920. Neste ano, retorna a Belo Horizonte, onde ingressa na Escola de Medicina (hoje UFMG). Formado, trabalha como médico na Secretaria de Saúde e Assistência do Estado de Minas Gerais. Em 1933, muda-se novamente para o Rio de Janeiro onde trabalhou no Hospital Carlos Chagas. Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, atuando ainda como editor da Revista Médica Municipal e como membro do Instituto Brasileiro da História da Medicina. Em 1943, casa-se com Antonieta Penido.

Demonstrando, desde jovem, talento literário, além de hábil desenhista, fez parte do grupo mineiro “Estrela da Manhã” composto por jovens estudantes como Milton Campos, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, convivendo ainda com intelectuais e artistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral etc. Em 1946, teve poemas seus publicados na Antologia de Poetas Brasileiros Bissexto, organizada pelo consagrado poeta Manuel Bandeira. Pedro Nava tornar-se-ia famoso com a publicação de seu livro “Baú de Ossos” (1972), o primeiro de uma série de livros de sua autoria, que viriam a revolucionar o gênero literário de memórias no Brasil. Em sua obra mesclam-se poesia, ironia, glamour, onde reconta a trajetória da numerosa família desde a chegada de um ancestral e pioneiro vindo da Itália, até os ramos mineiro e nordestino. Recuperou ele a verdade do passado como autobiógrafo, romancista e memorialista. Sua cidade natal, a Juiz de Fora provinciana e interiorana de inícios do século XX, ofereceria ao País e ao mundo figuras literárias de elevada expressão como Pedro Nava – amante e enaltecedor da mineiridade em seu mais alto nível.

Prêmio Jabuti (1974). Faleceu aos 13-05-1984 no Rio de Janeiro (suicídio com um tiro na cabeça). Morte estranha, ainda hoje motivo de perplexidade, após o escritor receber um telefonema misterioso.

Obras: *Baú de Ossos* (1972); *Balão Cativo* (1973); *Chão de Ferro* (1976); *Beira-Mar* (1978); *Galo das Trevas* (1981); *O Cirio Perfeito* (1983); *Cera das Almas* (2006).

SUA OBRA MEMORIALÍSTICA é muito importante, ligada às mais lidimas tradições e raízes mineiras; são materiais de arquivo, relatos e escritos de famílias, com fortes raízes aristocráticas, em especial de avós e tias, observações, reminiscências pessoais, unidas às fontes documentais que gravitam em torno à pessoa do arguto autor. Interessam-nos mais precisamente as observações do autor sobre costumes familiares, receituários culinários, hábitos domésticos que nos permitem o reavivamento de nossas tradições mineiras, que nos reportam à infância e às nossas raízes provincianas. Uma temporalidade histórica, mítica, nostálgica, da qual extraímos alguns excertos de suas obras:

- Sobre a alimentação profilática, tonificante, medicinal: “Alquimia fabulosa e bromatologia sem par da copa e da cozinha de Dona Nanoca. Laboratório de onde saíam seus refrigerantes, cajuadas opalinas e adstringentes e seu leve aluá – não o de abacaxi como em Minas, mas o de farinha de arroz ou de fubá fino, adoçado ao ponto e que, fermentado nos potes de barro, rebentava na boca, em finas bolhas de quase vinho” (“Baú de Ossos”, p. 33).

- “Quartos de boas camas – lençóis cheirando a baunilha e a lavanda. Cozinha de bons jantares, de bons almoços onde minha avó fabricava litros de café-com-leite-de-açúcar-queimado, que mandava vender na estação de Cotegipe” (Bau de Ossos, José Olympio Edit 3ª ed. 1974, pp. 203/204).

- A cozinha como espaço de memória e transmissão de cultura alimentar, enriquecida por formas de comensalidade e sociabilidade. O aprender, o distinguir o próprio saber e sabor, transmiti-lo, garantindo-lhe perpetuação degustativa e olfativa. “A irmã de meu avô, Ana Clara (...) era a suavidade em pessoa. E a boa educação (...) tudo nela era intemporal, delicado e harmonioso. Ensinava tudo que sabia. Passava suas receitas de doce à minha avó” (“Balão Cativo”, José Olympio Edit 1977, p. 35).

- Emanavam da cozinha receitas, crenças, superstições, convívios, segredos. A alimentação era/é um elemento chave e um motivo literário na obra de Pedro Nava, integrado a associações culturais e mneômicas como o detalhamento de um prato típico mineiro nas paradas de tropas: “O angu que, mole ou duro, combina-se com o feijão, com o arroz, a carne e cujo único tempero deve ser o sal, assim mesmo pouco para não alterar o gosto do que o vai acompanhar. O que sobra é cortado em fatias que, fritas, são o pão mineiro de cada dia. O feijão fervido com bastante sal durante as paradas é levado em caixetas atulhadas e em cujos intervalos se escorreu a banha derretida que endurece e não deixa azedar a massa cozida. Na hora, vai tudo para a frigideira, a banha derrete-se, solta e refofa as pevides com mais a cebola, o alho, o cheiro verde, a salsa e muita pimenta. Rola-se na farinha que se embebe de gordura, mas que não pode ficar empapada – antes móvel, toda untada e toda desgrudada” (Baú de Ossos, p. 125).

- Sobre o “mexidinho”, outra refeição típica da cozinha mineira, relatou Nava: “E a Laura levantava, atiçava o fogo, fervia a banha onde refogava os restos de feijão, do angu, do arroz, da carne seca, do cará, punha mais sal, misturava-se um ovo, nacos de toucinho, rodela de linguiça e de banana ouro e num instante, o mexidinho estava pronto. Antes uma lambada de cachaça” (“Bau de Ossos”, p. 168 - Laura – escrava de Luis da Cunha, bisavô materno de Pedro Nava).

- O autor aborda receitas e usos da terra mineira – “E a abóbora da noite de São João? Era aberta por cima, esvaziada dos fiapos e caroços, cheia de rapadura partida, novamente tampada, embrulhada em folhas de bananeira e enterrada a dois palmos de fundo, debaixo das grandes figueiras. Ai ficava duas, três horas e quando saía dessa moqueada, tinha cheiro de cana queimada e gosto ainda mais profundo que o das castanhas. Comia-se no fim das festas de junho bebendo crambambali e cantando até cair ao pé das brasas que morriam. O crambambali é bebida sagrada – um quantum legitimamente centro de Minas. A receita? Uma travessa cheia de pinga, rodela de limão, lascas de canela e rapadura. Toca-se fogo na cachaça e deixa-se esquentar bastante. Apagar, coar e servir em canequinhas de gomo de bambu” (“Baú de Ossos”, pp. 161/162).

- Sobre os momentos do café na casa de Inhá Luísa: “Quando chegávamos era hora do café na sala de jantar de Inhá Luísa. Café

fresco, pelando, bem fraco e servido em xícaras grandes. Vinha forte e era adicionado, na hora, de água quente que a Rosa e a Deolinda despejavam nas chaleiras de ferro que tinham de ficar segurando ao lado da mesa. Leite, não. Quando muito queijo de minas para picar e deixar amolecendo dentro do café fervente. Pão alemão fofo e macio, cheiroso ao partir como um trigo (...). E o cuscuz de fubá doce, feito em metades das latas de queijo do reino furadas a prego e onde a mistura cozia em cima do vapor de uma panela. Já do jardim se sentia o cheiro do café, do pão, do fubá, do açúcar mulatinho”.

• A memória familiar é interiorizada, uma construção permanente em que o passado móvel entreabre suas portas, deixando entrever as mais múltiplas sensações, imagens, impressões, objetos, sons, odores, sabores, lembranças. Reconstitui laços genealógicos, de convivência, reencontros, revivescências, experiências sensoriais, musicalidade dos pregoeiros e vendedores de rua, aguçando o olfato e audição do menino de Juiz de Fora: “A compensação do suplício era a passagem no Cristiano Horn para a compra de suas floridas balas em forma de travesseiro. Vermelhas, brancas, amarantes, alaranjadas, encarnadas, verdes, nacaradas, lilases, malvas e chocolates. Vinha com elas, dentro do cartucho, aquele aroma de açu-

tumes rurais e urbanos, como no excerto, a seguir, sobre a festa de São João: “A rua Direita não era calçada, era ensaibrada ou macadamizada, de modo que não houve dificuldade em fazer buraco para assar as batatas sob as fogueiras. Na nossa, além das batatas doces, havia uma imensa abóbora que a Rosa abria, esvaziara dos caroços, enchera com pedaços de rapadura e com um copo de vinho-do-porto. Tornara a tampar, envolvera em folhas de banana e encerrara sob as achas. Depois que a fogueira desabou, as negrinhas pularam como sacis, por cima das brasas e das ultimas chamas. Quando tudo virou cinza, tiraram-se as batatas e a abóbora. Esta, aberta, cheirava a melação. A rapadura derreteria, penetrara a polpa amarela e tudo aquilo estava mole e cozido, oloroso e doce, dando à língua a sensação macia de uma pasta de castanhas. Tal e qual como gosto” (Bau de Ossos, p. 264).

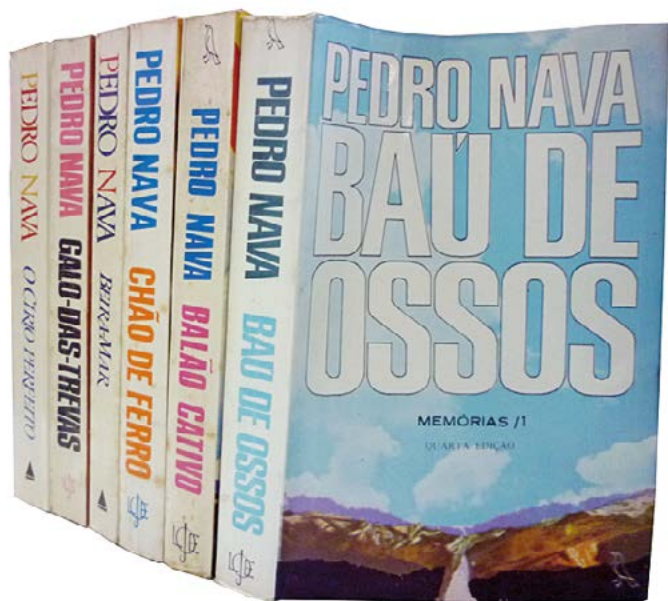
• O discurso de Nava no tocante a alimentação, como percebemos, é sinestésico, simbolista. “Para adoçar a boca, manga. Para refrescar o corpo, garapa de tamarindo. Para rebater o banho, pinga de macaxeira” (Bau de Ossos, p. 23). Unindo memória voluntária e memória associativa, conectando intelecto e imaginação, Pedro Nava envolve tradições, historiografia, teias de emoções, genealogias. Como nessa magnífica passagem, revelando a fusão de iguarias das cozinhas nacional e portuguesa: “...vinham as negras – duas para cada bandeja de prata – com o chá, o chocolate, as garrafas de vinho, a frasqueira dos licores, o pinhão de coco, as mãos bentas, os cartuchos, as fofas, as siricaias, os tarecos e tudo quanto é bolo da doceira luso-brasileira. Bolo ilhéu, bolo-da-imperatriz, bolos de raiva, esquecidos, brincadeiras, doce-do-padre, toucinho do céu” (“Bau de Ossos”, p. 30).

Práticas alimentares, a partir dos relatos e historiações de Nava – na prática um vasto campo de estudos de ordem gastronômica, folclórica, cultural e literária – avocam/evocam uma elevada função catalisadora, compondo espaços, personalidades, valores sociais, biografias...

• “A rapadura comum tem uma doçura imperiosa e profunda, quase igualada pelo mascavo. Quando umedecidos e um pouco passados, à doçura de ambos se junta-se – levantando-se – ténue travo alcoólico. Isso se percebe menos no mulatinho. O melado, além da violência no gosto, tem o macio do veludo na consistência e ele que é lento e majestoso na tigela, torna-se ágil na língua e adquire difusibilidade semelhante à dos queijos, mais afinados e dos mais radiosos vinhos (...). Só se pulveriza doce seco com o cristalizado. Só com o mulatinho se obtém um bom café-com-leite de açúcar queimado. Para doce de coco, baba-de-moça e quindim, o refinado. Para o mamão verde, idem. Idem, ainda, para a cocada branca seca ao sol e para a cocada em fita. Para as cocadas raladas de tabuleiro e de rua, açúcar preto. E assim por diante...” (“Baú de Ossos”).

• “Mas lembro-me bem da mesa de minha avó materna em Juiz de Fora, onde a inhá Luiza, da cabeceira, podia olhar a ponta dos meninos e das compoteiras, de que havia, ao jantar, umas quatro ou cinco repletas de doces. Menos era penúria. E que doces ... os de coco e todas as variedades, como a cocada preta e a cocada branca, a cocada ralada ou em fita, a açúcarada no tacho, a seca ao sol. Baba-de-moça, quindim, pudim de coco. Compota de goiaba branca ou vermelha, com orelhas em calda. De pêsego, maduro ou verde, cujo caroço era como um espartate no céu da boca. De abacaxi, cor de ouro: de figo, cor de musgo; de banana, cor de granada, de laranja, de cidra, de jaca, de ameixa, de jenipapo, toranja, de carambola, derramando estrelas nos pratos. De mamão maduro, de mamão verde – cortado em tiras ou passado na raspa. Tudo isso podia apresentar-se cristalizado, seco por fora, macio por dentro e tendo um núcleo de açúcar quase líquido. Mais, abóbora, batata-roxa, batata doce em pasta vidrada ou pasta seca. Calda grossa de jamelão, amora, framboesa, araçá, abricó, pequiá, jabuticaba” (“Baú de Ossos”).

(Fontes: “Imaginação, memórias e sabores em Bau de Ossos”, autoria de Maria Alice Ribeiro Gabriel/Luciane Alves Santos, revista Eixo Roda, Belo Horizonte, vol. 28, n.2, pp. 75/96, 2019 – Obras de Pedro Nava).



car queimado que era o cheiro da casa adorável do baleiro” (“Bau de Ossos”, p. 246).

“Outros vendedores ambulantes com outros barulhos. Baleiros – baleiro baaala...As bandejas, os pacotes de biscoitos Brichy, com os peixes, as moedas, os cigarros, os charutos e os cachimbos de chocolate enrolados de balas, feitos de papel brilhante e lustroso em que uma rodela de cor indicava a qualidade. Verde escuro, bala de limão. Verde claro, bala de hortelã. Alaranjado, de laranja. Amarelo, de mel. Creme, de abacaxi. Branco, de coco. Pardo, de chocolate. Roxo, de violeta. Lembram-se das balas de violeta? Que não eram balas, mas próprias flores, as próprias violetas confeitadas. Dilim-Dilim era o nome onomatopeico dado a um cartucho de massa de trigo que se quebrava nos dentes e derretia na língua feito hóstia. Vinham uns enfiados nos outros e seus cones se arrumavam espiralados numa enorme lata redonda que o ambulante trazia às costas, segura por uma bandoleira para, com as mãos livres, percutir o triângulo de metal que fazia dilim-dilim, dilim-dilim” (“Bau de Ossos”, pp. 313/314).

• O próprio Nava afirma que “a recordação provocada é antes gradual, construída, pode vir na sua verdade ou falsificada pelas substituições cominadas, pela nossa censura (...) Fragmentos de memória que – como nos sonhos – surgem, somem e remergulham feito coisas dentro de uma fervura de panela. Pedacos ora verdadeiros, ora ocultos por um símbolo” (“Bau de Ossos”, p. 306). A alimentação “na sua forma, no seu cheiro, no seu sabor” percorre toda a obra e o cotidiano infantil de Nava – uma viagem no tempo, hábitos domésticos, celebrações, ritos de nascimento e de morte, cos-



Nossos biscoitos por toda parte!

Desde os primeiros tempos da povoação nascente de São Tiago, a localidade ganhou fama por sua hospitalidade e acolhida. A mineiridade dos são-tiaguenses, enraizada desde tempos ancestrais, envolvia compartilhar histórias e conversas enquanto desfrutavam de café acompanhado de biscoitos ao visitar amigos e parentes. Entretanto, pouco se imaginava que essa tradição e vocação um dia se transformariam em um dos pilares fundamentais da economia local.

A cidade testemunhou um notável crescimento na produção de biscoitos, particularmente entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90. O crescimento econômico foi impulsionado por empresas, cooperativas e pelo poder público, todos com o objetivo de fomentar a economia local. Com a popularização dos biscoitos de polvilho, com destaque para a icônica torradinha, diversas padarias e pequenas fábricas surgiram, criando também inúmeras oportunidades de emprego.

Na década de 1990, juntamente com os biscoitos de polvilho, surgiram os biscoitos doces, disponíveis em variados sabores e qua-

lidades. Foi então que, em 1999, realizou-se a primeira edição da festa intitulada "Parada do Café com Biscoito", evento que consolidou a economia local voltada à produção dessas iguarias. Atualmente, não é difícil encontrar os tradicionais biscoitos de São Tiago nas estradas pelos comércios, restaurantes, lanchonetes e supermercados. O nome de nossa cidade ecoa em todos os cantos, graças à fama dos nossos renomados biscoitos, preparados com receitas antigas de família e outras inventadas por mãos habilidosas e empreendedoras.

Há muito tempo, a cidade não é mais a mesma. Aqueles que, um dia, foram funcionários de padarias, hoje são empreendedores independentes, multiplicando receitas e oferecendo oportunidades de emprego a outros. Algumas pessoas sustentam-se através da venda dos biscoitos, enquanto outras complementam sua renda vendendo-os de porta em porta na região. A criatividade dos nossos vendedores vai além, eles anunciam com placas ou faixas em seus carros: "Biscoitos de São Tiago", e até mesmo com alto-falantes tocando a tradicional música do cantor Mário Ribeiro e Filhas, que celebra a festa do café com biscoito em setembro, "Sãooooo Tiagooooo obrigado, obrigado!"

Hoje, quando nos perguntam de onde somos ou onde moramos, respondemos orgulhosamente: "De São Tiago." Muitos já não brincam com o trocadilho "São Tiago do Chile?" Em vez disso, quando mencionamos São Tiago, as próprias pessoas completam com um sorriso largo: "Da Terra do Café com Biscoito?"

Que os nossos fabricantes continuem zelando pela qualidade dos biscoitos, pois essa tradição é algo que não pode se perder.

No segundo final de semana de setembro, a cidade se enche de visitantes, amigos e são-tiaguenses que residem em outros lugares para celebrar mais uma edição da Festa do Café com Biscoito.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJRD



São-Tiaguenses Notáveis

Eli Patrício Mendes

Eli Patrício Mendes é um dos mais antigos nomes do rádio na região. Nasceu em São Tiago/MG, no dia 17 de março de 1943, filho de D. Tunica e Sr. Joaquim. Aos 10 anos de idade, mudou-se para São João del-Rei, onde permanece até hoje. Atualmente, com 80 anos, é casado e pai de duas filhas que trabalham na área médica em Belo Horizonte.

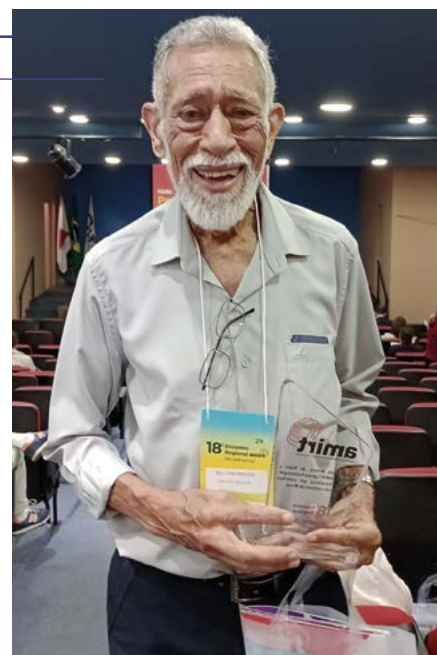
No dia 1º de maio de 1963, o então diretor da Rádio São João, Geraldo Canário (falecido), convidou Eli Patrício para trabalhar na emissora. Inicialmente, começou como office boy e, ao longo dos anos, tornou-se técnico de som (hoje operador de áudio) e, por fim, locutor, apresentando programas musicais.

Eli se aposentou em 24 de setembro de 2017 como diretor musical, totalizando 54 anos e meio de dedicação ao rádio.

No dia 29 de julho de 2023, durante o 18º Encontro Regional promovido pela Associação Mineira de Rádio e Televisão (AMIRT), realizado no Campus Santo Antônio da UFSJ, em São João del-Rei, foram reconhecidos profissionais importantes do rádio local, e Eli Patrício foi um deles. Recebeu o Troféu da AMIRT em homenagem por sua destacada atuação e valiosa contribuição para o meio radiofônico. Sua dedicação e talento foram merecidamente reconhecidos.

Nossa alegria e gratidão são imensas aos nossos conterrâneos que brilham e contribuem para o desenvolvimento e progresso, não só na terra natal, mas também em outras cidades da região. Parabéns, Eli Patrício! Seu talento e dedicação são motivo de orgulho para todos nós.

Marcus Santiago - IHGST/ALSJRD



20 ANOS DO FALECIMENTO DE MONSENHOR ELOI

No sábado, dia 05/08, completaram-se 20 anos do falecimento do Revmo. Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira, um dos sacerdotes mais notáveis de São Tiago, que atuou nas paróquias do município por mais de 50 anos.

A Paróquia de São Tiago celebrou uma missa em ação de graças, na Matriz, marcando a data e agradecendo a Deus pela vida e obras do nosso saudoso Monsenhor Eloi.

Relembrando... No dia 15 de agosto de 1955, Pe. Francisco Eloi tomou posse como vigário (pároco), assumindo integralmente a responsabilidade da Paróquia de São Tiago, bem como a de Mercês de Água Limpa e todas as capelas das comunidades rurais e urbanas.

Francisco Eloi nasceu em São Tiago no dia 19 de novembro de 1915, filho de José Pedro de Oliveira e Júlia Alves de Sena. Fez seus estudos primários no antigo Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior", serviu como coroinha na Igreja Matriz ao lado do Pe. José Duque. Tinha como irmãos: Maria Augusta de Oliveira, José de Oliveira, Maria Madalena Flor, Cecília Augusta de Oliveira, Maria da Conceição Sena e Emília Alves de Paula (falecida em 04/05/2023, aos 96 anos).

No ano de 1931, ingressou no Seminário Coração Eucarístico de Jesus, em Belo Horizonte. Lá cursou seus estudos em nível ginásial, colegial, Filosofia e Teologia. Recebeu as ordens menores (ministérios) e, em março de 1940, foi ordenado diácono. Aos 20 de outubro de 1940, na Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores, no Bairro Floresta, em Belo Horizonte, foi ordenado sacerdote, pela imposição das mãos e oração consecratória do Revmo. e Exmo. Dom Antônio dos Santos Cabral. Teve como lema de ordenação sacerdotal: "Tu és Sacerdote para sempre, segundo a ordem do Rei Melquisedec". (Salmo 109,4)

Como forma de expressar sua gratidão pelo período formativo que vivenciou no Seminário Coração Eucarístico, celebrou a sua primeira missa. Uma semana depois, a saudade o trouxe a São Tiago para celebrar a Santa Missa; recebeu calorosa acolhida e homenagens por parte de seus conterrâneos em solene celebração.

A primeira paróquia em que exerceu o ministério sacerdotal foi a



Paróquia de Santo Antônio, em Rio Acima, até o ano de 1941; logo após, esteve na Paróquia Nossa Senhora da Glória, em Passa Tempo (1942 a 1944). Nesse mesmo intervalo, de 1942 a 1949, passou pela Paróquia São João Batista, em Morro do Ferro. De maio de 1948 a agosto de 1996, trabalhou na Paróquia de São Tiago e na de Mercês de Água Limpa (Capelinha) até setembro/1997.

Quando atendia no distrito de Morro do Ferro e Passa Tempo, o ainda Pe. Francisco Eloi foi convocado para servir na Força Expedicionária Brasileira (FEB), por ocasião da II Guerra Mundial. De setembro de 1944 a maio de 1945, ele se desdobrau nos sofridos e gélidos montes italianos para levar o conforto do Evangelho aos pracinhas, pois a angústia, o sofrimento e o desespero se apoderavam de muitos deles.



No dia 13 de junho de 1956, pelos méritos de seus trabalhos sacerdotais, foi concedido a ele, por S.S. o Papa Pio XII, o título de "Monsenhor".

Monsenhor Eloi destacou-se e deixou marcas indelévels de seu apostolado como arauto do Evangelho, Educador e tinha grande compromisso e amor para com os mais necessitados, através da caridade nas obras sociais. Sempre que o procuravam, dava uma palavra de conforto e carinho para aqueles que necessitavam. Tinha grande zelo pelos seminaristas. Aos colegas de ministério dizia: "Amigos sacerdotes, trabalhem com dedicação. Não podemos nos esquecer de nosso Breviário, do Pão Divino a - Eucaristia -, do Terço de Nossa Senhora, da proteção da Santíssima Trindade e, finalmente, de viver o celibato. O sacerdote que vive dessa forma deve ser alegre e virtuoso... Essas armas de vida nos fazem vencer e ser heróis, conseguindo cativar o mundo".

Após sua aposentadoria, continuou celebrando missas, atendendo as pessoas em confissões, fazendo bênçãos e orações em sua residência no bairro Cruzeiro. Pouco saía de casa devido a sua limitação para a locomoção.

No dia 5 de agosto de 2003, foi chamado pelo Pai Celeste para habitar na morada eterna. "Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Resta-me agora receber a coroa da justiça, que o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas a todos que aguardam com amor a sua aparição". (2 Timóteo 4, 7-8).

Monsenhor Eloi marcou diversas gerações com seu dinamismo e com as várias habilidades e dons exercidas junto ao seu ministério sacerdotal. Exerceu sua missão com extrema dedicação, caridade, amor, sabedoria e fé. Deixou um legado imenso através de seu testemunho e obras. Sempre que teve oportunidade, ajudou a comunidade onde nasceu e pastoreou. Sua imagem, seu nome e sua personalidade ainda são lembrados até hoje por aqueles que conviveram com ele, nas obras que realizou ou na gratidão de muitos anônimos. Em nossas reuniões do Instituto Histórico, sempre que seu nome é mencionado, alguém comenta: "Por que até hoje a praça central não leva o seu nome?" ou "Por que ainda não existe uma estátua ou busto dele na praça?"

Marcus Santiago
IHGST/ALSJRD

SÃO TIAGO
Minas Gerais

O ÚLTIMO BAILE DE CARNAVAL

"Existem Mundos Perdidos. Com certeza existem. Se antes eram a nossa realidade, o dia a dia da nossa vida, depois, por alguma interseção, algum desvio ou interrupção na história, migram para cantos isolados e perdidos da memória. Não necessariamente morrem, mas ficam escondidos esperando que sejam lembrados enquanto existirem quem neles viveram ou surjam outros que se importem e queiram conhecê-los."

Por falta de fontes de informação acessíveis é aceitável dizer sem muita certeza que numa data perdida nas proximidades de 1984 e 1985, em um sábado, aconteceu O Último Baile de Carnaval em São Tiago. Um salão esvaziado, sem foliões, a despeito da música tocando e todos os serviços do Clube funcionando era uma imagem surreal. Esta noite definitivamente consolidou-se como marco do Mundo Perdido do Último Baile de Carnaval



Sede S. Santiaguense: Retirado do Facebook Memórias de São Tiago

do Clube, em São Tiago.

O carnaval tem sua origem secular e de forma meio tortuosa nos antigos Bailes de Máscaras das realezas europeias, movidos a valsas, polcas e mazurcas. Chegou ao Brasil em 1641 como Entrudo e nos anos 1830 já estava estabelecido percorrendo um caminho de popularização que de forma interessante insistia em manter certo ar de elitismo e exclusividade social. O surgimento do samba e a incorporação dos elementos e brincadeiras do Entrudo criaram mais ou menos a forma pela qual o conhecíamos. Agora, não mais.

A Sede Social Santiaguense, ou o Clube, foi criada em 1963 para oferecer à comunidade um local de convívio social. O tamanho e topografia do terreno aliado aos custos de instalação limitaram a abrangência do projeto, excluindo qualquer atividade esportiva e gerando um grande galpão, sem requintes, que se tornou majoritariamente um local apropriado para a realização de bailes. O Clube era o epicentro do carnaval santiaguense, principalmente no período noturno.

Durante o dia as pessoas gastavam o tempo de espera. Alguns descansavam para encarar a próxima noite, outros se hibernavam em mesas de bebida quase eternas em botecos ou em casa e muitos outros procuravam aquilo que por falta de palavra melhor serão chamados de balneários, locais com alguma incidência de água onde fosse possível brincar de nadar e se divertir com amigos, música e bebida, no mínimo. Os lugares preferidos eram o Ribeirão da Fábrica, o areal original do Rio do Peixe com suas maravilhosas e perigosas sombras de aroeira, a estrutura montada pelos irmãos "Ostim", Cláudio e Dárcio, filhos do Totonho

Vivas a montante da ponte da BR 494 e sem dúvida, o preferido, a antiga Usina Elétrica.

A Usina era a princípio algo fadado a dar errado. Acesso difícil, trânsito local perigoso sobre e entre pedras lisas e escorregadias e pequenas passarelas, o caminho para os melhores poços era em declividade acentuada, as instalações de suporte extremamente precárias e insuficientes. Três observações sobre a Usina: era um local que oferecia para a sua pele "água fria e pedra quente"; uma simpática plaquinha dizia "Onde osmares se encontram", numa referência ao Senhor Osmar da Delzi, proprietário do terreno e ao Senhor Osmar da Santinha, arrendatário do bar que atendia ao público presente; e um aviso constante e obrigatório mandava ter cuidado, ou mesmo evitar, o Poço do Valdeimar, pelo seu histórico assassino. Porém, com tantos senões, quem sabe pelo excesso de álcool ou falta de juízo, o lugar funcionava. E a bem da verdade era muito agradável colar as costas no paramento da represa deixando a água passar por sobre nosso corpo ou massagear os músculos no jato d'água forte de um grande tubo com válvula de abertura.

Nas ruas as pessoas se fantasiavam com simplicidade. Fantasias tradicionais, temáticas ou genéricas com enfeites corporais. Muitos utilizavam roupas velhas e rasgadas no melhor estilo Bloco dos Sujos. O senhor Geraldo Gaudêncio sempre ofertava uma surpresa anual apresentando fantasias bem produzidas baseadas em temas da atualidade como, por exemplo, Sassá Mutema. Uma brincadeira de sucesso era se fantasiar de Gatinho, sendo particularmente apreciada por mulheres. Bastava vestir roupas masculinas velhas e bem grandes, escondendo a silhueta do corpo, colocar uma fronha com buraco para os olhos e as pontinhas amarradas na cabeça e pronto, eis o Gatinho. Os gatinhos provocavam as pessoas com brincadeiras desafiando-as a descobrir sua identidade.

Dois eventos marcavam o carnaval mais antigo: o Bloco do Boi e o Bloco da Alvorada. O Bloco do Boi é uma apropriação do folclore, comum em muitos lugares do país, atingindo sua maior expressão em Parintins. Um grupo de pessoas fantasiadas ou não acompanham um conjunto musical e um participante fantasiado de boi, com uma armação coberta de couro servindo de corpo e a indispensável cabeça do bicho com seus chifres. O Bloco da Alvorada era, e ainda é um cortejo musical que desfila pela cidade na madrugada e amanhecer do sábado de carnaval, sendo que muitos de seus integrantes usam roupa de dormir. É importante ressaltar que hoje em dia o carnaval de blocos é uma vertente importante dos festejos, ressaltando o antigo e tradicional Blo-



Carnaval na Usina: Retirado do Facebook Memórias de São Tiago

co da Amizade, uma espécie de decano inspirando novos grupos.

Nas dependências do clube o baile era um evento trivial. Uma banda formada por membros da Lira da Imaculada Conceição selecionados pelo Maestro tocava as tradicionais marchinhas, sambas e músicas de outros estilos em ritmo acelerado. O público dançava no meio do salão traçando trajetórias circulares mais ou menos concêntricas, acelerando ou diminuindo o ritmo de acordo com o andamento da música. A música Máscara Negra de Zé Kéti era o exemplo espetacular de um comportamento curioso. Dos primeiros versos “/ Tanto riso / Ó, quanta alegria! / Mais de mil palhaços no salão.../” até o início da parte “/Vou beijar-te agora / Não me leve a mal / Hoje é carnaval” as pessoas desfilavam em marcha lenta e depois disparavam desenfreadamente pulando a vontade. O fluxo de pessoas era intenso entre a portaria, saída, caixa, balcão do bar e sanitários, propiciando trombadas frontais e disputas de ombro e cotovelos. Na parte das mesas reservadas muito apertado, a eterna espera por pedidos feitos ao bar e uma ou outra foliã mais animada subindo na mesa ou cadeira para dançar, emulando o costume dos Grandes Bailes de Gala dos grandes centros. Pode-se dizer que a relação custo benefício era baixa, mas em contrapartida não havia opções alternativas. Pelo menos supria a demanda de parcela do público.

É possível fazer um recorte ressaltando alguns dos foliões mais notáveis presentes nos Bailes Carnavalescos da Sede Social, mesmo sendo quase certa alguma injustiça por esquecimento. O Sr. Donato é um forasteiro que encontrou e adotou São Tiago na sua vida, sendo também aqui adotado. Ele levava a sério sua condição de folião, se isso faz sentido sendo o carnaval uma grande brincadeira. Sempre presente, sua aspiração eterna era ganhar o título de melhor folião todos os anos com seus passinhos miúdos e rápidos. A Daisy Campos, filha da Berenice, possuía uma maneira bem peculiar de dançar, em pura alegria. Ela elevava os joelhos à meia altura, alternadamente, numa espécie de marcha saltitante. O Sr. Aristeu era um exemplo perfeito de transformação. Descartando as roupas formais da vida de fazendeiro e político e a seriedade inerente ao cargo, emergia como um folião esquisito, muito alto, dançando como um Boneco Doido. E o Mundinho!?... O Mundinho era uma figura incrível do carnaval, que ele amava incondicionalmente. Mundinho chorava quando o carnaval acabava. Uma imagem dele está arquivada na memória de muitos: numa quarta feira de cinzas da vida, lá estava ele com os braços caídos, fantasia maltrapilha, sujo de pó de arroz e tinta colorida, com um lado do bigode raspado e o outro não, com aquela tristeza de um personagem de Charles Chaplin.

Carnaval e álcool sempre estiveram atrelados. Dizem que ele é necessário para destravar inibições e liberar a fera da alegria. Realmente é desafiador fazer as brincadeiras típicas de carnaval em estado de racionalidade. Mas, existem exemplos de pessoas que são foliões pelo puro prazer de ser. Pulavam os quatro dias de “cara limpa” e ainda pegavam uma brecha nas matinês das crianças. A bebida certamente alavancou as brigas que sempre existiram nos bailes. Nada que tenha se tornado uma tragédia ou quase.

As relações entre a Sede Social Santiaguense e seus frequentadores não sócios estavam se deteriorando continua e gradativamente há vários anos. Havia um entendimento externo de que o cerne dessa desavença era o valor dos ingressos para os interessados eventuais, sendo que os sócios tinham entrada franca. Este valor era considerado muito alto para o morador típico de São Tiago, com o poder aquisitivo de médio a baixo. Ir ao baile, com ou sem namorada, mais os custos das bebidas, era proibitivo. Chegava-se a dizer que estes bailes eram feitos para a “gente de fora” (visitantes e parentes de longe), mais abonada e com dinheiro para gastar. Outros diziam que o ingresso caro era uma forma de controle social, selecionando a clientela e evitando a superlotação. De qualquer forma a contrapartida era muito pobre. O salão de baile era pequeno, o acesso aos bares para receber atendimento era extremamente difícil, as mesas (muito caras também) meio amontoadas, e os banheiros, o horror de sempre. Foi feita uma reforma no imóvel com ampliação que minimizou



Baile no Clube : Retirado do Facebook Memórias de São Tiago

um pouquinho os problemas sem resolvê-los de forma definitiva.

E no meio deste contexto, sem que ninguém pudesse antever ou mesmo desconfiar, um grito anônimo vindo não se sabe de onde foi dado, acertando o meio do alvo: -“Ninguém vai ao baile hoje. O carnaval será na rua!”. Assim aconteceu.

E aconteceu de forma improvisada, bastante mambembe. Um grupo musical doando a trilha sonora, uma aparelhagem de som de última hora, o povo entregando a sua alegria e a bebida por conta extensa programação, estrutura de barracas com comidas e bebidas, e disponibilização de sanitários químicos. O baile foi esvaziado naquele dia e nunca mais se repetiu. Lembro-me de ir até o Clube três ou quatro vezes naquela noite para confirmar o que não estava acontecendo.

Pode parecer óbvio que o sucesso do carnaval de rua de São Tiago devia ser sustentado pela festa em praça aberta e pela atuação dos blocos, mas isso foi se consolidando paulatinamente. No meio do caminho houve uma tentativa de se criar uma escola de samba, Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Morro, oriunda do trabalho árduo e dedicação extrema do Sr. Geraldo Jaburu, merecedor de todo reconhecimento. A escola de samba é um fenômeno singularmente carioca e eles são mestres em criar o que é considerado um grande espetáculo em nível mundial. Entretanto, apesar do Sambódromo representar nossa identidade na comunidade das nações, de forma bem direta creio que para o Brasil continental e interiorano ele não nos diz respeito, não dialoga com nossa identidade cultural. A iniciativa do Sr. Geraldo Jaburu, mesmo envolta em elogios e boa vontade, não se tornou sustentável.

Quando terminava o carnaval, eu que definitivamente nunca fui um folião, era assolado por dois pensamentos. O primeiro, imaginar um autofalante de estádio de futebol informando uma substituição: “A ADENG informa. Substituição na cidade. Sai o Rei Momo, entra o Monsenhor”. A segunda, escutar mentalmente Carlos Lyra cantando a música de sua autoria com Vinicius de Moraes, a Marcha da Quarta-Feira de Cinzas:

Acabou nosso carnaval / Ninguém ouve cantar canções / Ninguém passa mais / Brincando feliz / E nos corações / Saudades e cinzas / Foi o que restou / E, no entanto é preciso cantar / Mais que nunca é preciso cantar / É preciso cantar e alegrar a cidade /

O carnaval migrou de um ambiente particular, fechado e movido a marchinhas para o espaço público aberto de praça e ruas, movido a músicas de vários estilos. Certamente está agora mais arejado e democrático. Não fará parte das memórias das gerações do Clube, mas se abrigará nas memórias de quem agora está no caminho.

A quaresma chegou com seu histórico significado de abstinências, penitências e comportamentos contidos. Levou consigo os excessos cometidos, o mergulho na bebida, o ritmo acelerado da música e a alegria sem freios. Levou um tipo de carnaval que agora inexistente. Levou também para um Mundo Perdido “O Último Baile de Carnaval”. Por ironia, aquele que não aconteceu.

Fabio Antônio Caputo,
Engenheiro civil aposentado e espectador

DE POETA E LOUCO TODOS TÊM UM POUCO



SANJOANIDADES

MESTRE NÃO É QUEM SEMPRE ENSINA,
MAS QUEM DE REPENTE APRENDE
[Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

EVOCAÇÕES PESSOAIS

TEM HORAS ANTIGAS QUE FICARAM MUITO MAIS PERTO DA GENTE DO QUE OUTRAS, DE RECENTE DATA
[Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

ESCOLAS DOM BOSCO

(Cachoeira do Campo; 05-08-94)

Cachoeira do Campo, eis-me voltando
P'ra reviver os tempos já vividos,
No velho casarão, vetusto e brando,
Das Escolas Dom Bosco, em dias idos.

Passados tantos anos, desde quando
Daqui eu fui embora, entre gemidos,
Agora volto os vultos recordando,
No álbum da saudade, tão queridos.

Seus nomes, de lembrança imorredoura,
Como Fábio, Remígio, Brás, Fontoura,
Soletro co' emoção num mausoléu.

E Àquela que, no pátio, permanece,
A mesma Auxiliadora, eu peço em prece:
A graça de revê-los lá no céu.

MEU PROFESSOR

(10-02-95)

Num antigo colégio salesiano
Eu tive um professor de português
Desde (me lembro bem até do ano)
Mil novecentos e cinquenta e três.

Desse rico idioma lusitano,
Que língua do Brasil também se fez,
Se algo eu aprendi, de que me ufano,
A ele agradecer devo, talvez.

Eis porque, sem favor de vassalagem,
Desejei tributar-lhe uma homenagem,
Nestes versos, sincera e verdadeira.
Seu nome que olvidar não vou jamais
Eis aqui escrito, em letras garrafais:
Padre João Bosco Nunes de Oliveira

ÓRFÃO

(27-04-94)

Muitos anos, ó mãe, são já passados
E aqui me tens de novo em teu jazigo!
Tristonho, lembro os dias descuidados
Da leda infância que passei contigo.

Tanto tempo vivendo separados,
Privou-me a sina do teu colo amigo.
Os sonhos que trazia acalentados
Sonhaste-os tu também junto comigo.

Desfeito nosso sonho em desengano,
Voltei correndo a ti, mas, pós um ano,
Órfão, senti da morte a realidade.

Este soneto, pois, é da alma o grito
Que, em lágrimas, aqui eu deixo escrito
No pergaminho roxo da saudade.

REENCONTRO

Nênia para um menino triste (08-05-94)

Era uma vez, me lembro, um bom Menino,
Que, na sua terra, andava descuidado...
Fosse ele, embora, pobre e pequenino,
Sabia tudo olhar maravilhado.

Livre, soltava ao vento o papagaio,
Como se fora a vida apenas isso.
Depois, corria solto feito um raio,
Montado cavaleiro em um caniço.

U'a bola de borracha ou de capota,
Uma história de Pedro Malazarte.
Brincava-se de pique e cambalhota:
Alegria era só, por toda parte.

Vivia assim os anos da inocência
Entre estudos, tarefas e brinquedo...
Quando algo aconteceu que a existência
Turbou-lhe, infelizmente, muito cedo.

Disseram-lhe, sem dó e até sem jeito,
Que Deus por ele, mau, fora ofendido.
Ninguém se incomodou qual fosse o efeito
Na vida do menino assim punido.

Apagou-se-lhe a luz em seus olhares.
E sozinho no mundo, ensimesmado,
Afastou-se a vogar em outros mares
Desta vida, a naufrágios condenado.

Eu mesmo o reneguei. Por quase nada,
Fechei-lhe o coração, naquela hora.
Chorando, ele ficou ao rés da estrada,
Enquanto pela vida eu fui embora.

Cinquenta anos depois, volto contrito
A buscar no passado essa criança.
Por ela, em toda parte, eu clamo e grito,
E tenho de encontrá-la uma esperança.

Vem, Menino! Te chamo e, desde agora,
Bons amigos, sigamos o restante
Do caminho, que, juntos, nós outrora
Andamos, num passado tão distante.

Vem, Menino! Eis aqui, dentro do peito,
Meu coração aberto, como um ninho;
Disposto a receber-te, em plumas feito,
P'ra aquecer-te de amor, com meu carinho!

O que fizeste, e nós te condenamos,
Por culpa de invejosos moralistas,
Foi coisa tão banal, agora achamos,
Que Deus jamais tirou de ti as vistas.

E, se algum dia, alguém me perguntar:
Quem é esse infeliz Menino Triste?
Responderei, no longe de um olhar:
É a criança que dentro em mim existe!

A PIPA

(13-08-94)

Ei-la no azul do céu, amarelinha,
A pipa contorcendo-se agitada.
Seu desejo, talvez, era, sozinha,
Subir rumo do sol numa escalada.

Prende-a, porém, sutil e branca linha
Às mãos de um menino, na calçada.
Quem dera que essa pipa fosse minha!
Dava-lhe a liberdade desejada.

Pois, sei o que é sofrer dessa maneira,
Co'a vida, nas mãos de outrem, prisioneira
E posto no abandono feito um traste.
Não sem razão, portanto, assim maldito,
A ti, Senhor, constantemente, eu grito:
Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

NOSTALGIA

(05-07-94)

Vênus brilhante já no céu fulgura,
No ocaso fulvo o sol apenas desce.
Um sino tange à Imaculada e Pura
Virgem Maria convidando à prece.

Pouco depois, a sideral altura
De astros acesa, num instante, vê-se.
Ah! quem me dera, em magistral pintura,
Esta paisagem eu fixar pudesse!

Mas, se minha alma uma penumbra invade
Nesta hora mística do fim do dia,
Tanta beleza retratar como há-de?

O que me resta, então, na tarde fria,
É, junto da tristeza e da saudade,
Curtir a solidão da nostalgia.

UM TERNO AMANTE

(16-09-94)

No espelho estando a olhar o meu velho rosto,
E vendo que voltar já não se pode
Aos tempos de criança, a contragosto
Uma pergunta atroz eis que me acode:

Onde foi que, perdida, a minha infância
Deixei, pelos caminhos, vagabundo?
Dizei-me, por favor, vós que, à distância,
Seguistes-me as pegadas, neste mundo.

Da velhice, antevendo hoje a tristeza,
Consola-me saber que, e é o bastante,
Para mim resta sempre uma certeza:

Eu tenho o coração de um terno amante,
Quando os encantos vejo da beleza,
Numa palmeira ao vento balouçante.

INÚTIL VIAGEM

(30-01-95)

Buscando muitas vezes, no passado,
Um modo de explicar minha existência,
Quase sempre me vejo transportado
Aos anos bons da minha adolescência.
Revejo, inteiro, o mundo que, ao meu lado,
Descortinava ao longe, em reticências...
Meus ideais... meu sonho... em vão sonhado,
Fagueiras ilusões, reminiscências...

Mas, ao voltar, cansado peregrino,
Daqueles meus bons tempos de menino,
Sinto que inútil foi minha ansiedade.

Nenhuma explicação naqueles anos
Para estes meus presentes desenganos,
Em que abraçado vivo a uma saudade!

VANGLÓRIA

(08-09-94)

Um dia, a Glória, o coração em chama,
Depois de velho, me acendeu no peito.
Quis dos poetas alcançar a fama,
Mas não sabia de fazê-lo o jeito.

Elaolveu-me, então: Porque não tentas?
Vamos, começa! A vida é uma conquista,
Feita de lutas, muita vez, sangrentas.
Ninguém nasceu jamais um pronto artista!

Deixei-me seduzir de tal motivo
E pus-me a escrever, em lenitivo
À dor de uma saudade torturante.

Rirão de mim, talvez, alguns leitores,
Na arte de escrever, superiores...
Mas hei minha vanglória doravante!



Lira da Imaculada Conceição completa 60 anos

Neste ano, a corporação musical Lira da Imaculada Conceição completa 60 anos de existência, conforme consta na ata de fundação em 08/12/1963. Ao longo de sua existência, a banda têm muitas histórias para contar, principalmente por suas belíssimas apresentações realizadas em São Tiago e região, em diversos eventos. Vários músicos já passaram pela Lira, e a banda está em constante desenvolvimento, estabelecendo parcerias e atraindo jovens interessados em atuar na música. São Tiago também possui vocação musical.

Para aqueles que não conhecem a história da banda, vale a pena conferir o documentário "Em cada Emoção - 50 anos da Lira Imaculada Conceição de São Tiago-MG", produzido pelos jornalistas Bruno Caputo e Michele Santana. O documentário está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=60JgXb_11GU.

Ao longo dos anos, diversos maestros e regentes contribuíram com um trabalho essencial para o sucesso, reconhecimento e desempenho da Lira da Imaculada Conceição. Hoje, iremos conhecer um pouco da história do atual maestro, Tássio Resende que é filho de Tiago Resende e Zélia Mendes, casado com Bárbara Martins e pai da pequena Maria Luísa. Tássio é graduado em Música pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), habilitação em Educação Musical. Ocupou o cargo de maestro da Lira no ano em que ela completou seus 50 anos, em 2013. Portanto, faz 10 anos que está a frente dos trabalhos musicais da Lira.

Sabores: Como foi o seu primeiro contato com a música e, especificamente, com a Lira da Imaculada Conceição?

Tássio: Desde pequeno gostava de música. Lembro-me de ir para próximo ao Magnatas Club e ficar escutando os ensaios da banda Magnatas Show. Na época, os hits eram dos Mamonas Assassinas. Por volta dos meus 11 anos de idade, meu primeiro contato com música se deu com as aulas de violão que passei a frequentar na casa da cultura. Comecei com o violão do meu avô, Ademar Mendes de Almeida, porém o instrumento já muito antigo não atendia as necessidades. Então passei a usar um violão emprestado pelo professor, até que pouco tempo depois meu pai me presenteou com um violão que guardo até hoje. Já com a Lira, meu primeiro contato foi por volta dos 15 anos, quando iniciei as aulas teóricas.

Sabores: Quais foram suas principais influências musicais e como elas moldaram seu interesse pela música?

Tássio: Foi uma construção ao longo do tempo, cujas referências me foram apresentadas pelas pessoas com as quais convivi. No início eu gostava bastante de rock nacional, e, aos poucos, fui conhecendo outros gêneros. Hoje, com mais experiência e amadurecimento, ampliei bastante os meus gostos, e aprendi também a ver com outros olhos os estilos que ainda não fazem parte da minha rotina.

Sabores: Como surgiu a oportunidade de se juntar à Lira da Imaculada Conceição? Poderia nos contar um pouco sobre o processo de ingresso na banda?

Tássio: No meu caso, foi meu pai quem falou com o maestro à época, Domingos Silvério, sobre o meu interesse em fazer parte da corporação. Lembro que foi em uma situação informal: estávamos em uma festa de casamento. Quando meu pai avistou Domingos passar por perto de nossa mesa, logo o comunicou sobre o meu desejo. Poucos dias após, recebi o recado com o dia e horário para que eu pudesse iniciar as aulas.

Sabores: Quais são suas lembranças mais marcantes dos primeiros anos na banda? Algum momento ou evento específico que o destacou?

Tássio: Lembro-me bem da primeira procissão (Sexta-feira Santa de

2007), do primeiro encontro de bandas (ocorrido aqui mesmo em São Tiago) e do enterro do Sr. Guido Dirceu Reis. Neste último momento citado, todos nós tocamos de baixo de muita chuva, e quando cheguei em casa, copiei todas as partituras, pois as mesmas haviam ficado inutilizáveis devido a chuva.

Sabores: Como foi o processo de aprendizado e aprimoramento musical ao longo dos anos na Lira da Imaculada Conceição?

Tássio: O desenvolvimento foi ocorrendo naturalmente na medida em que eu me esforçava para aprender as músicas, e, assim, receber novos desafios. Sempre fui curioso, e não me continha somente com as tarefas da banda, por

isso, na medida do possível, tentava aprender músicas novas de outros lugares. Nessa época, a internet era recém-chegada em São Tiago, daí eu ia navegar na Lan House para conhecer outras realidades.

Sabores: Quais são os desafios e as recompensas de ser um músico na banda? Como você lida com esses desafios?

Tássio: Acredito que o maior desafio seja a disponibilidade. É muito comum a banda tocar em feriados e fins de semana, e por isso, muitos de nós, músicos, seja da Lira ou não, às vezes temos de abrir mão de outros compromissos para estar junto à banda. A recompensa é o próprio ato de tocar, que é prazeroso, além das boas companhias e bons momentos que passamos juntos.

Sabores: Quais são suas perspectivas para o futuro da Lira da Imaculada Conceição? Existem planos ou projetos em andamento?

Tássio: Em todas as bandas existe um projeto principal que sempre estará em pauta: a manutenção da instituição. Manter a banda ativa é e sempre será o maior propósito. Embora possa parecer uma perspectiva "óbvia", a perenizarão da cultura de banda é muito desafiadora. Ademais projetos vêm na medida em que encontramos disponibilidade e recursos para a consecução do mesmo. Para este ano, pretendemos ainda fazer mais alguma atividade de comemoração dos 60 anos de fundação da Lira, uma vez que o encontro de bandas já aconteceu como parte dessas comemorações.

Sabores: Como a música e a participação na banda impactaram sua vida pessoal e sua visão de mundo?

Tássio: A Lira transforma muitas vidas, tanto de quem faz parte dela, quanto de quem está de fora, como ouvinte. Fazer parte da Lira exige uma postura diferenciada. Lá, além de música, aprendemos valores, saber respeitar, ter disciplina, entre outros benefícios pessoais e interpessoais. Além disso, lidar com pessoas e, conseqüentemente, com diferenças, nos faz evoluir em muitos aspectos.

Sabores: Você tem algum conselho ou mensagem para os jovens que estão começando sua jornada na música ou que desejam se envolver em uma banda como a Lira da Imaculada Conceição?

Tássio: Música é uma atividade extremamente prática, que precisa ser vivenciada e absorvida de várias maneiras. Os resultados, ou, os primeiros sons satisfatórios, às vezes demandam tempo, e, por isso, mais do que nunca, é preciso ter muita paciência e persistência. Quando faço uso da expressão "mais do que nunca", é que, felizmente, hoje temos acesso a muitas atividades de outros ramos, porém quando as mesmas não são bem administradas, alguma sairá prejudicada. Vale lembrar também de não buscar fazer comparações do tipo: "no esporte eu evolui com poucas semanas". Cada atividade tem seu tempo de retorno, e cada pessoa tem o seu também. Não desistam, pois vale a pena!





ALECRIM DO CAMPO

O alecrim do campo (*Baccharis dracunculifolia*) é uma espécie de arbusto ramificado perene, chegando a três metros de altura, muito comum na região do Campo das Vertentes, principalmente no município de São Tiago. É nativo da América do Sul e também muito encontrado na Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Popularmente é chamado de "alecrim dourado" porque possui flores delicadas bem clarinhas que, ao sol, brilham, e suas folhas verdinhas também possuem um brilho todo especial. Daí surgiu a canção folclórica "Alecrim Dourado, que nasceu no campo sem ser semeado. Alecrim, alecrim aos molhos, por causa de ti choram meus olhares, etc." É uma planta muito procurada por abelhas que coletam suas resinas para fabricação do própolis verde. Para as pessoas, no formato de chá tem ação diurética, reduzindo gases. Combate também fadiga, enxaqueca e a dor de cabeça podem ser amenizados com o uso do alecrim. Pode ser usado no rosto, em todo o corpo e no couro cabeludo. Seus extratos são usados também para banhos. Esses banhos ajudam a desestressar e dar mais disposição. O dia sugerido para banho com essas ervas é o domingo, em dia de sol, pois combatendo energias negativas, ajudando na limpeza espiritual, na energização e no equilíbrio do campo energético.

Para nós, são-tiaguenses, seu maior uso é como vassoura para varrer folhas do terreiro e como vassourinha para varrer o forno de fazer biscoitos. O alecrim é colhido no campo com critério, de ramos mais viçosos, sem sementinhas, pois serão amarrados como um feixe em um pau ou bambu, geralmente de véspera, para dar uma murchada de leve. No dia da fabricação de biscoitos, a forneira, muito prática, com turbante na cabeça, após acender o forno, começa o processo de limpeza do seu interior com a vassoura. O cheiro do alecrim queimado, sapecado toma conta do ar, o ambiente fica energizado, alegre, existindo um momento de relevo em estar que contagia todos os presentes e a vizinhança. Sinalizando que alguém está fazendo biscoitos. Breve, as quitandas prontas, assadas e quentinhas, são oferecidas e degustadas por todos. Este ritual acontece durante todo o dia e, como diz o ditado, "quanto mais reparte, mais amassa, rende". As quitandas fresquinhas vão para os tabuleiros, para os cestos, e depois guardadas nas latas, postas nas mesas, numa variedade de formatos, cores, sabores e tamanhos como: biscoitos, torradinhas, broas, bolos, roscas, pão de queijo etc. Num momento único os vizinhos recebem da par-

tilha das apetitosas quitandas que segue num pratinho tampado com o pano de prato.

Durante o dia fica no canto, encostada na parede, a vassourinha de alecrim, esperando a próxima fornada. As latas esvaziadas são higienizadas e o nosso coração dispara junto à nossa memória afetiva. A arte de fazer biscoitos é riquíssima e para fazê-los é necessário ter habilidade desde o amassar, enrolar e assar. Com a dedicação de cada biscoiteiro(a) é possível comparar a um "artesão(ã)", pois dedicam-se de corpo e alma.

Atualmente nossa cidade ainda conserva essa tradição da vassourinha de alecrim desde os primórdios da história local. No receptivo Forno na Praça fica ao lado do forno de biscoitos. Diariamente pode ser vista também suas funcionárias manuseando-a quando o forno está aceso.

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST



SÃO TIAGO, NOSSO PADROEIRO!

Tiago foi o primeiro apóstolo mártir. Foi um grande amigo de Jesus e um dos primeiros apóstolos íntimos, ao lado de Pedro e João, conhecido como “Tiago Maior” para diferenciá-lo de “Tiago Menor”, que era de Nazaré e primo de Jesus. Nasceu em Betsaida, na Galileia, filho de Zebedeu e Salomé. Fazia parte do grupo dos pescadores e foi escolhido pessoalmente por Jesus, que o convidou para seguir e ganhar almas para o reino de Deus, quando pescava às margens do lago de Genesaré: “Vinde após mim, e eu farei de vós pescadores de homens”. (Mt. 4,19)

São Tiago é o padroeiro dos peregrinos, cavaleiros, farmacêuticos, veterinários, químicos e também padroeiro da Espanha, Guatemala, Chile, Nicarágua e de nossa cidade, que leva o seu nome. É celebrado no dia 25 de Julho e nossa cidade se mobiliza para essa grande comemoração. Antes da festa, com muita antecedência, nosso pároco faz o planejamento junto aos conselhos, realiza reuniões com segmentos da paróquia, elabora a programação, faz convites a outros padres, distribui tarefas, prepara a liturgia, convocam festeiros, e depois inicia o novenário.

Os fiéis católicos se envolvem com a programação, nossa banda a Lira da Imaculada Conceição intensifica os ensaios e a partir do dia 15 começa a novena dedicada ao Santo padroeiro. Este ano de 2023, a programação contou com a bênção do novo altar, celebrações eucarísticas na Matriz, leilões com a participação dos grupos ECC, Associação de São José, Pastoral da Sobriedade, Vicentinos, Movimento Mãe Rainha, Catequese, Pastoral Familiar e outros, além das comunidades urbanas.

O dia 24 é dedicado a São Cristóvão, com uma linda procissão de veículos, bênção das chaves e das carteiras de habilitação.

No dia 25, dia do padroeiro, começa cedinho com uma linda Alvorada e toque de sinos, peregrinação da imagem pela cidade, celebrações em vários horários na Matriz, terminando com uma linda procissão luminosa conduzindo a imagem do Senhor São Tiago. Essa imagem só sai do altar uma vez por ano. Sua chegada à matriz é triunfal, com música, execução da banda e homenagem ao padroeiro. Aos poucos as velas vão se apagando e as pessoas ficando mais juntinhas. São pessoas de todos



os lados, dos bairros, comunidades rurais, são-tiaguenses ausentes e visitantes.

No meio da cascata de fogos sem estrondo, aparece estampada a imagem do Santo padroeiro. É um momento de relevo espiritual, as lágrimas caem, o coração dispara, os lábios tremem, as palmas e vivas contagiam a todos. E Ele, sereno, devagarinho e virado de frente para o povo, no último aplauso, começa a adentrar para a igreja em seu andor florido. O padre explica, reza e pede proteção para todos. Formam-se as filas e, com muita fé, emoção e gratidão, os fiéis entram orando e agradecendo diante da imagem, já dentro da igreja, que está lotada. São Tiago é venerado. Em seguida, os fiéis se dirigem ao altar principal para a imposição do chapéu do Senhor São Tiago. No outro dia, é comemorado o aniversário do Município e a co-padroeira da Paróquia, Senhora Sant'Ana.

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

Brasil celebra bicentenário de nascimento do poeta Gonçalves Dias

Intelectual maranhense consolidou preceitos do romantismo no país

Por Alana Gandra

Nesta quinta-feira (10), quando se completam 200 anos de nascimento do poeta Gonçalves Dias, o professor de literatura brasileira e dramaturgia da Universidade Federal Fluminense (UFF) André Dias destaca o fato de ele ter sido ser o poeta que consolidou os preceitos do romantismo no país. Segundo o professor, Gonçalves Dias é figura de proa do romantismo e “tem papel central no sentido de ser o primeiro exercício efetivo de construção de uma nacionalidade brasileira”.

Em entrevista à Agência Brasil, Dias lembrou que, após a Independência do Brasil, em 1822, um grupo de intelectuais, escritores e estudiosos tentava articular a ideia de uma nacionalidade efetivamente brasileira. “Então, a gente estava diante de um país absolutamente jovem, sem um passado histórico, diferente do que havia em nações da Europa, que tinham passado pelo advento do período medieval. Nós não tínhamos isso no Brasil. Nós tínhamos os povos originários”. Coube a essa geração de intelectuais a tarefa de construir a primeira ideia de nacionalidade.

André Dias admitiu que, em 2023, a constituição de uma nacionalidade forjada pelos primeiros românticos, “com toda razão”, é questionável. Pode-se falar, por exemplo, na ausência da figura do negro na formação da nacionalidade brasileira no início do romantismo, o que vem a ocorrer somente na última fase do movimento, com Castro Alves, um poeta que cantava a liberdade. O professor ressaltou que, ainda que hoje haja esse olhar crítico, o papel dos primeiros românticos – em especial, de Gonçalves Dias – foi consolidar a ideia do romantismo e, por extensão, consolidar a ideia de nacionalidade brasileira.

Do ponto de vista estético, o professor destacou que, em Gonçalves Dias, o primeiro ponto de inflexão é de uma poesia alta. “Uma poesia esteticamente consolidada, que soube aclimatizar a formação intelectual que ele teve na Europa, especialmente em Portugal, para o temperamento brasileiro. Ele vem com uma formação sólida intelectual feita em Portugal, e essa formação sólida está a favor da construção de uma poesia brasileira nos termos daquele momento da primeira metade do século 19, no Brasil”.

Por isso, afirmou, comemorar os 200 anos de nascimento de Gonçalves Dias significa celebrar um pioneiro, não só do ponto de vista de uma literatura efetivamente brasileira, mas no sentido da construção da ideia de nacionalidade brasileira.

Indianista

Toda a poesia nacionalista diz respeito à fase indianista, em que Gonçalves Dias celebra as paisagens brasileiras e o indígena brasileiro. Mas, enquanto José de Alencar, na prosa, transforma o indígena em um personagem muito particular da literatura nacional, Gonçalves Dias faz algo diferente. Ele não transforma o indígena em um personagem, mas em um símbolo. “Essa figura indígena que hoje, aos olhos de 2023, a gente pode e deve questionar, naquele momento teve um papel importantíssimo porque Gonçalves Dias vai retratar a figura do indígena, portanto do primeiro homem brasileiro efetivamente, como uma entidade que, além de nobre, forte, viril, é capaz de suportar as maiores adversidades.”

O poema épico Canto do Tamoio, por exemplo, é a narração poética de um guerreiro indígena que está nas mãos dos inimigos. E, diante da situação de cárcere, esse homem canta sua lamentação de estar naquele momento preso, mas não perde a altivez. “Nesse sentido, Gonçalves Dias tem um papel extraordinário, porque vai trazer para o primeiro plano uma figura que sequer aparecia no âmbito da cultura brasileira, a não ser como objeto também da escravidão e da exploração branco europeia. Ele tem esse papel importante.”

Dias salientou que, na leitura feita atualmente, existem divergências sobre a imagem grandiloquente que o poeta criou dos indígenas. Mas isso não significa, “como alguns tentam fazer nos dias atuais”, que a construção dos escritores românticos da fase indianista contribuiu para uma imagem deturpada da figura do indígena. “Não. Isso é uma incorreção dizer”. Para o professor, é importante ressaltar que Gonçalves Dias foi um dos primeiros escritores a dar protagonismo às populações indígenas no Brasil. Outro poema épico famoso de Dias é I-Juca-Pirama.

O professor concluiu que um dos grandes méritos de Gonçalves Dias é o fato de ele ter concentrado, no âmbito da poesia indianista, a construção de grandes poemas épicos, exaltando a figura do indígena e, por extensão, da própria nação brasileira. Gonçalves Dias era o cantor das terras brasileiras e foi também o cantor do amor e das paixões. “Era um romântico típico, sofrendo muito os amores, quase sempre não realizados.”

Pensar o Brasil

O também poeta Marco Lucchesi, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) e atual titular da Biblioteca Nacional (BN), enfatizou que Gonçalves Dias criou uma gramática para exprimir as diversas sonoridades da língua portuguesa com “exímia perfeição”. Lucchesi disse à Agência Brasil que Gonçalves Dias, entretanto, não se limitou às formas. “As formas emprestaram materialidade para a expressão mais lírica de sua sensibilidade.”



Por outro lado, o poeta ajudou a pensar o Brasil, acrescentou Lucchesi. “A imaginação e a história se concentram na sua obra. A presença do indígena, sentida desde a infância e lançada em uma visão sensível e profunda que, de algum modo, até hoje, se apresenta, revista, aprofundada, deslocada”. Segundo o acadêmico, Gonçalves Dias foi também um crítico importante da escravidão no país, como se vê em uma publicação dele, na metade do século 19, intitulada Meditação. “Não passou despercebida pela ótica do poeta a necessária crítica a um sistema injusto de outrora.”

Lucchesi retornou de visita à Academia Maranhense de Letras, onde participou, no último dia 7, das comemorações do bicentenário do poeta romântico, proferindo a palestra Gonçalves Dias, uma Ideia de Brasil. Para sua surpresa, Lucchesi recebeu do titular da academia maranhense, Lourival Serejo, cópias de processos inéditos redigidos por Gonçalves Dias que estavam guardados no arquivo da instituição, quando o poeta exercia a advocacia. “As cópias foram cedidas gentilmente e, hoje, já integram a Gonçalves da Biblioteca Nacional.”

Fundada em 1908, exatamente no dia do nascimento do poeta, a Academia Maranhense de Letras está exibindo em seu site o filme Gonçalves Dias por Gonçalves Dias, produzido pelo Museu da Memória Audiovisual do Maranhão e pela Dupla Criação. Também em comemoração ao bicentenário do poeta maranhense, o filme se baseia em texto do acadêmico Sebastião Moreira Duarte e é dirigida pelo acadêmico Joaquim Haickel.

Biografia

Antônio Gonçalves Dias, patrono da Cadeira 15 da Academia Brasileira de Letras, nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá, na época pertencente a Caxias, hoje município de Aldeias Altas, no Maranhão. Foi poeta, advogado, professor, jornalista, etnógrafo e teatrólogo brasileiro. Grande nome da corrente literária conhecida como indianismo, ao lado de José de Alencar, é famoso pelos poemas Canção do Exílio e I-Juca-Pirama, além de muitos outros de cunho nacionalista e patriótico, pelos quais receberia o título de poeta nacional do Brasil. Também foi pesquisador das línguas indígenas e do folclore brasileiro.

Recebeu educação de um professor particular e, em 1938, seguiu para Portugal, para completar os estudos. Em 1840, matriculou-se na Universidade de Direito de Coimbra, onde teve contato com escritores do romantismo português, entre eles, Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Feliciano de Castilho. Durante sua permanência em Coimbra, escreveu a maior parte de suas obras, inclusive a famosa Canção do Exílio (1843), na qual expressa o sentimento da solidão e do exílio. Em 1845, depois de formado em direito, voltou para o Maranhão e, no ano seguinte, foi morar no Rio de Janeiro onde procurou integrar-se ao meio literário. Em 1847, com a publicação de Primeiros Cantos, conseguiu sucesso e o reconhecimento do público.

Em 1849, foi nomeado professor de latim e história do Brasil no Colégio Pedro II. Escreveu para várias publicações, entre elas, o Jornal do Comércio, a Gazeta Mercantil e o Correio da Tarde, fundando também nesse período a Revista Literária Guanabara. De volta ao Maranhão, em 1851, o poeta se apaixonou por Ana Amélia Ferreira do Vale e a pede em casamento no ano seguinte, mas, por ser mestiço, a família dela proibiu o matrimônio.

Em 1852, retorna ao Rio de Janeiro e se casa com Olímpia da Costa. É nomeado oficial da Secretaria de Negócios Estrangeiros e passa a viajar constantemente para a Europa. Em 1862, Gonçalves Dias vai mais uma vez à Europa, em busca de tratamento para um problema de saúde. Sem encontrar resultados, embarca de volta ao Brasil no dia 10 de setembro de 1864. Entretanto, o navio francês Ville de Boulogne em que viajava naufragou perto do Farol de Itacolomi, no município de Guimarães, na costa do Maranhão, onde o poeta faleceu, no dia 3 de novembro de 1864.

Gonçalves Dias é considerado o grande poeta romântico brasileiro. Sua obra poética apresenta os gêneros lírico e épico. Na lírica, os temas mais comuns são: o indígena, o amor, a natureza, a pátria e a religião. Na épica, canta os feitos heróicos dos povos indígenas.

A parte amorosa contida nos versos de Gonçalves Dias foi inspirada por Ana Amélia Ferreira do Vale, cuja família não permitiu o casamento. A recusa causou sofrimento ao poeta, que ele registrou nos poemas Se Se Morre de Amor, Minha Vida e Meus Amores e o mais conhecido poema de amor impossível Ainda Uma Vez – Adeus.

Como poeta da natureza, Gonçalves Dias canta as florestas e a luz do sol. Seus poemas sobre os elementos naturais conduzem seu pensamento a Deus. Sua poesia sobre a natureza se entrelaça com o saudosismo e sua nostalgia o remete à infância. Na Europa sente-se exilado e é levado até sua terra natal através da Canção do Exílio, considerado um clássico da literatura brasileira.



Lagoa Dourada, em Minas Gerais, foi reconhecida como Capital Nacional do Rocambole

Foi publicada no Diário Oficial da União desta quinta-feira (3) a Lei 14.646, que confere ao município de Lagoa Dourada, em Minas Gerais, o título de Capital Nacional do Rocambole. A norma sancionada na quarta-feira (2) pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, decorre do projeto de lei (PL) 2.209/2021, do deputado federal Aécio Neves (PSDB-MG). O texto foi aprovado pelo Senado no dia 7 de julho, com relatório favorável do senador Carlos Viana (Podemos-MG).

"A concessão do título de Capital Nacional do Rocambole a Lagoa Dourada proporcionará maior visibilidade a essa importante manifestação cultural e gastronômica do município, o que servirá como impulso não só para a permanência da tradição, mas também para geração de emprego e renda para a po-

pulação local", declarou Carlos Viana.

Com aproximadamente 12 mil habitantes, Lagoa Dourada é um município com grande pecuária leiteira, além de importante produtor de hortigranjeiros e de da iguaria da qual foi declarada "capital nacional".

A importância do rocambole para a economia e a cultura de Lagoa Dourada foi oficializada em 2007, quando o doce, de origem europeia, foi inventariado como Patrimônio Imaterial Municipal pelo Inventário do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac), resguardado pelo Instituto Estadual de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha).

Agência Senado (Reprodução autorizada mediante citação da Agência Senado).

Fonte: Agência Senado

Menino Carlinhos, sequestrado há 50 anos, é a criança há mais tempo desaparecida no Rio.

Dados do SOS Crianças Desaparecidas, da Fundação para a Infância e a Adolescência (FIA-RJ), mantém os registros até depois que as crianças e adolescentes completam maioridade, situação da grande maioria dos casos cadastrados

Por João Vitor Costa

Carlos Ramirez da Costa, o Carlinhos, foi sequestrado na noite de 2 de agosto de 1973 em sua casa, em Laranjeiras, na Zona Sul do Rio; mesmo 50 anos depois, ele nunca foi encontrado.

O sequestro de Carlos Ramirez da Costa, então com 10 anos, na noite de 2 de agosto de 1973, causou uma comoção nacional. O rosto de Carlinhos estampou a capa da edição do jornal O GLOBO no dia seguinte, e a busca por respostas sobre o caso foi intensa. No entanto, mesmo 50 anos depois do crime, ainda não se sabe o paradeiro do menino, considerado o caso mais antigo de desaparecimento de crianças e adolescentes sem solução no Estado do Rio, segundo estatísticas do programa SOS Crianças Desaparecidas, da Fundação para a Infância e a Adolescência (FIA-RJ).

Se, por um lado, o programa contabiliza 3.700 localizados, por outro, há a tristeza de quem segue à espera de respostas. Atualmente, são 603 crianças e adolescentes desaparecidos no estado, dos quais quase 90% já passaram dos 18 anos.

— Não vamos largar os casos de quem atingiu maioridade, o Carlinhos é um deles. A gente não tira do cadastro (de desaparecidos) porque lá tem todas as informações, preservando a história dele e respeitando família — observa Luiz Henrique Oliveira, coordenador do SOS Crianças Desaparecidas.

Os motivos para o desaparecimento são vários, mas o primeiro deles é a fuga do lar (366), seguido justamente de sequestro (109), além de perdidos (55), que completa o top 3. Para Luiz, até no caso de Carlinhos, novas informações podem surgir, mesmo 50 anos depois.

— O verbo é "esperançar", não podemos deixar de acreditar. Eu ainda tenho esperanças de que teremos notícias sobre esse caso porque a dor (das famílias) é horrível e traumática — completa Luiz, que ressalta que o anonimato é garantido e que, se alguém tiver informações que ajudem a elucidar o que aconteceu com Carlinhos, pode entrar em contato com o programa da FIA-RJ. Os telefones de contato são (21) 2286-8337, (21) 98596-5296 e (21) 99400-7704.

RELEMBRE O CASO:

Carlinhos estava em casa, na Rua Alice, em Laranjeiras, acompanhado da mãe e de quatro dos seis irmãos na ocasião do sequestro, em 2 de agosto de 1973. Dona Maria da Conceição Ramirez acompanhava a novela das 20h até que uma queda de luz deixou a sala no escuro. Neste momento, um homem armado e de rosto coberto entrou no sobrado e levou Carlinhos. A ação não foi presenciada pelo pai, João Costa, que havia saído com os dois filhos menores.

O rosto do menino estampou a capa do GLOBO no dia seguinte, edição que contou ainda com a reprodução de um bilhete — obtido pelo jornalista Gilson Rebello — que dava conta de um pedido de recompensa: o sequestrador exigiu Cr\$100 mil, que deveriam ser deixados em um ponto da Rua Alice, na madrugada de 4 de agosto. O dinheiro foi levado por João Costa, pai de Carlinhos, mas o filho não apareceu.

A suspeita inicial recaiu sobre um homem com quem o pai de Carlinhos teria uma dívida. Proprietário de uma indústria farmacêutica em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, ele estaria passando por difi-



culdades financeiras. Outra linha de investigação considerava que João teria um caso com a secretária, e os dois teriam planejado o crime.

Em janeiro de 1974, Adilson de Oliveira confessou o sequestro, apontando que João seria o mandante, o que levou o pai de Carlinhos à prisão. João conseguiu um habeas corpus para deixar a detenção no dia seguinte. A confissão, no entanto, era falsa. Mesmo assim, os boatos abalaram a família, e os pais do menino desaparecido se divorciaram pouco tempo depois.

Quatro anos após o sequestro, o detetive particular Bechara Jalkh, que investigava o caso paralelamente à polícia, fez revelações ao GLOBO que levariam à reabertura da investigação: o pai de Carlinhos teria forjado o sequestro do próprio filho para conseguir dinheiro da família, na tentativa do resgate.

O delegado Gomes Sobrinho, então titular da Delegacia de Roubos e Furtos, seguiu as pistas do detetive particular e exames grafotécnicos apontaram que a letra do bilhete que pediu o resgate era de Silvio Pereira, funcionário da empresa de João, que estaria falido, com nome sujo. Foram arrecadados Cr\$300 mil para pagar o resgate, mas nunca se soube o que foi feito do dinheiro. Silvio foi condenado em primeira instância, recorreu e foi absolvido.

Em 1979, no entanto, a irmã de Carlinhos disse com exclusividade ao GLOBO que reconheceu Silvio no momento do sequestro, fato ao qual o pai não deu importância. Nunca foi provado o envolvimento de João no crime.

VÁRIOS CARLINHOS

A busca por Carlinhos ao longo de décadas já teve desdobramentos que chegaram a acender a chama da esperança de encontrá-lo, como os casos de homens que afirmavam que poderiam ser o menino sequestrado. Luiz Henrique, coordenador do SOS Crianças Desaparecidas, conta que ele próprio já chegou a viajar para acompanhar exames de DNA, todos frustrados.

O último é o que mais se recorda, quando foram ao encontro do suposto Carlinhos no interior de São Paulo.

— O caso do Carlinhos mexe com os brasileiros e motiva que todos queiram ser ele. Cheguei a ir à cidade de São Carlos, onde apareceu um Carlinhos, fizemos o teste de DNA e o resultado foi negativo — lembra, citando que as histórias eram parecidas e, ao menos, teve um final feliz para o suposto Carlinhos: conseguiram encontrar sua família.

“DO CAMPO DAS ESTRELAS AO CAMPO DAS VERTENTES”

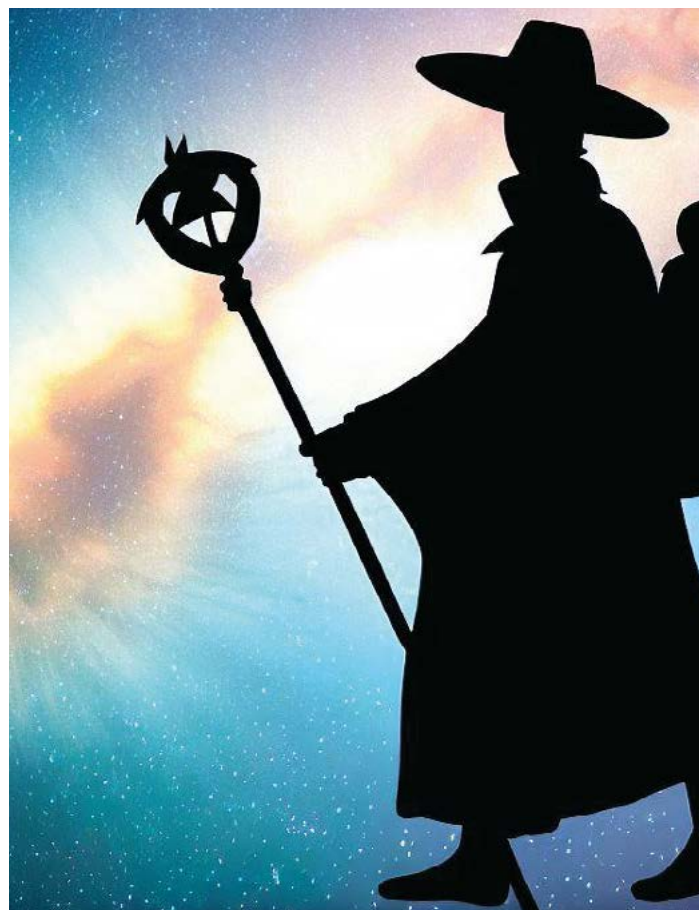
**01-07-2023 -
 LANÇAMENTO DE
 LIVRO FAMILIA “LARA”**

Trabalho épico, colossal realizado pela Prof^ª Maria José Lara Bretas Pereira, na prospecção das origens e trajetos históricos da família Lara, perspassando três milênios (do século VIII na Espanha Medieval aos albos do século XXI em nossa São Tiago), doze séculos, dois continentes, oceanos e terras transpostos, quatro anos integrais de viagens e pesquisas, até a conformação/apresentação de magistral obra, em dois tomos, quase mil páginas, com que somos/fomos brindados, em momento mágico de lançamento. A multissecular saga da família Lara, à luz medieval e fidalgal do Campo das Estrelas, transmutada na luz tropical do Campo das Vertentes de nossos dias!

Simplórias crianças rurais, (simplicidade que, afortunadamente, nos acompanharia ao longo e ao largo da existência) noites claras e estreladas, ouvíamos o esclarecimento dos adultos de que o imenso, cerúleo espiralado, manto salpicado de miríades de astros chamava-se “Caminho ou Carreiro de São Tiago”, a nossa Via Láctea; mais tarde, viríamos saber que, a origem da peculiar denominação se devia aos peregrinos medievais guiarem-se pelo intenso lampejo das estrelas para se chegar ao túmulo do Apóstolo São Tiago em Compostela, descoberto em 814; seguiam os viajantes por ermos vilarejos, bosques, que, ao longo dos tempos, cresceram-se vilas, cidades, pontes, catedrais, castelos, ao som de “Santiago y cierra España” a imortal aclamação ibérica. Caminho que mudaria a história da Espanha e da Cristandade, percorrido por pecadores e santos, dentre estes São Francisco de Assis (1214), Santa Isabel de Portugal (séc. 14), Nicolas Flamel, Raimundo Lúlio.

O escritor, segundo T. S. Eliot, tem este desvelo mágico, estético, ele nos diz algo a mais de instrumentalidade, sensibilidade, ressignificação, por seu discurso social, distinto do poder ou do olhar convencional. Assim o monumental exercício de pesquisa da sra. Maria Jose Lara, sob o dossel do Caminho de São Tiago, buscar os primórdios genealógicos, palmilhar a milenar trajetória da família Lara, desde a velha Espanha do século VIII, com seu belicismo, misticismo, dualismo existencial, as heroicas guerras de Reconquista, o perspassar dos séculos... Obra em si aglutinadora, inclusiva, interdiscursiva, transpessoal, consorciando memória, história, sociologia, genealogia, psicologia, religiosidade, toda a pujança de nossa alma ibérica. Conteúdo sólido, lapidar - memória viva, histórica, territorial, mergulhos no nosso até então indevassado, ignoto, remoto passado.

O livro, já disse alguém, tem a missão de ir ao coração das pessoas onde nem sempre palavras conseguem chegar. Eis o contexto irmanado de nossa conterrânea e autora, mineira da gema – pessoa de sólida cultura, palestrante, consultora, autora de inúmeras obras nas áreas de administração, estratégia, gestão empresarial e organizacional e que igualmente marca presença, excelência no cultivo das letras cavando/afiorando experiências, efervescências, preciosidades até então enterradas pelo tempo. A habilidade na expressão, na transfiguração do real e do mítico, na dissipação de imprecisões, o acrisolamento dos fatos, na secular, épica sintetização de aconte-



cimentos, quantos deles de violência, tragédias, dilacerações, feitos de armas, brasões e estandartes desfaldados, a configuração familiar (com toda gama de valores, sentimentos, contextos hierárquicos, comportamentais) o amanho da terra, o conquistar e desbravar os sertões, o reconhecimento de nossa própria imagem, nosso protagonismo, nossa reinvenção cidadã, ressignificação estelar.

Multiplicidade de vozes, feitos, fatos, discursos dispostos em cena, plasticidade viva, magia plural que transcende o gênero histórico, o que Mikhail Bakhtin classificava de heterodiscurso. Narrativas de mais de milênio, segredos, degredos, amores, paradoxos, paixões, o suor derramado em tantas terras e quantos cenários, a exteriorização da galhardia, a legitimação da virtude, a pulsão da fé, o compartilhamento do sangue, a magia individual, a vontade coletiva dentro do conceito de Victor Hugo “nenhum de nós tem a honra de ter uma vida unicamente sua”.

Os “Laras” somos todos nós, continuadores da epopeia hispânica, cavaleiros medievais, herdeiros de D. Quixote e Sancho Pança, impulsivos e ponderados itinerantes por terras e mares, bandeirantes, montanheseos na América, homens e mulheres de dura lide, lúcida cerviz, deslocando-nos pelos caminhos de São Tiago, do místico campo das estrelas, hierarquias sacudidas, insígnias luzentes, timbres ruidosamente ostentados, vozes múltiplas, multiplicadas, ao som do tropel de cavalos, o sibilar dos ventos, sempre intrépidas, arrebatadas, arrebatadoras através dos tempos e dos continentes. Agregam-nos a fé, a religiosidade, a mística, viajantes, peregrinos sob o báculo do Apóstolo São Tiago, neste caminho marcado pelas estrelas, congraçando-se o terreno e o espiritual, a longa estrada, cheia de imprevistos, o bastão por guia, a concha por insígnia, instrumentos usados segundo o escritor Fulcanelli pelos “que empreendem o trabalho e procuram obter a estrela”.

Há que se ler a obra presente em todo o seu teor e destemor. “Cada nota deixa em cada um de nós uma lembrança, mas é a melodia inteira que conta uma história” (Paulo Coelho). A Prof^ª Maria José que nos dispôs esta magistral composição, nosso apreço e congratulações. Uma oferenda de fé, de cultura, à família Lara, à nossa comunidade, à Pátria, à universalidade.

JPO

População de São Tiago (MG) é de 11.192 pessoas, aponta o Censo do IBGE

O IBGE divulgou nesta quarta-feira (28) os primeiros resultados do Censo Demográfico de 2022. Confira os números da sua cidade.

População de São Tiago (MG) é de 11.192 pessoas, aponta o Censo do IBGE

A população da cidade de São Tiago (MG) chegou a 11.192 pessoas no Censo de 2022, o que representa um aumento de 5,97% em comparação com o Censo de 2010. Os resultados foram divulgados nesta quarta-feira (28) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os dados do Censo também revelam que a população do Brasil é de 203.062.512, um aumento de 6,45% em relação ao Censo de 2010.

No estado de Minas Gerais, a população é de 20.538.718, o que representa um aumento de 4,8% quando comparado ao Censo anterior.

No ranking de população dos municípios, São Tiago está:

- na 320ª colocação no estado;
- na 812ª colocação na região Sudeste;
- e na 2.749ª colocação no Brasil.

A pesquisa do IBGE também aponta que a cidade em São Tiago tem uma densidade demográfica de 19,55 habitantes por km² e uma média de 2,71 moradores por residência.

O CENSO

O Censo é uma pesquisa realizada a cada 10 anos pelo IBGE; a



anterior foi feita em 2010.

O levantamento realiza uma ampla coleta de dados sobre a população brasileira e permite traçar um perfil socioeconômico do país.

A atual edição do Censo deveria ter acontecido em 2020, mas foi adiada por conta da pandemia de Covid-19. Em 2021, houve um novo adiamento em razão da falta de recursos do governo.

Além de saber exatamente qual o tamanho da população, o Censo visa obter dados sobre as características dos moradores — idade, sexo, cor ou raça, religião, escolaridade, renda, saneamento básico dos domicílios, entre outras informações.

Nos meados da década de 1960, mais precisamente no dia 07 de setembro de 1967, os alunos do Colégio Normal de São Tiago fizeram uma homenagem ao Brasil pela vitória/independência. No dia 07 de setembro organizaram tudo muito bem para que saísse semelhante ao ocorrido, às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo, quando foi dado o grito da Independência.

Fazendeiros emprestaram animais, eram mais ou menos 15 cavaleiros no evento, cada qual mais bem arrojado.

No papel de D. Pedro estava o Sr. Alair Navarro, aluno já de uma boa idade.

O palanque foi feito de madeira, fechado com panos verdes e amarelos. A Praça estava repleta de pessoas de todas as idades. Todos curiosos para saber quem iria dar o Grito e como iria ser.

Os trabalhos iniciaram-se às 8 horas. No palanque, Hino Nacional, hasteamento da bandeira pelo saudoso Monsenhor Elói, discursos e muito mais.

Os cavaleiros e Sr. D. Pedro aproximaram-se para mais perto do palanque. Todos com sua espada em punho. De repente, chega uma carta fechada às mãos do Sr. Alair/D. Pedro, ele abriu, leu rapidamente e disse:

- Companheiros, laços fora! É hora de libertar o Brasil de Portugal.

Levantou a espada e disse em voz alta:

- Independência ou Morte.

Todos os cavaleiros levantaram sua espada e disseram:

-Independência!

Todas as escolas já preparadas, o Grupo Es-



colar, como se falava, com seus pelotões.

O Sr. Carlinhos, com a sua prática de todos os anos, a ajudar, deu início ao desfile dizendo:

- Alunos, marchem...

Barulho de bumbos e demais instrumentos, balizas com suas vestimentas de tulle com lantejoulas e varinha nas mãos, mostrando o seu talento.

E o desfile prosseguiu, escolas, cavalarias etc.

PS.: Eu assisti um reportagem na TV Aparecida que, no Rio Ipiranga, em São Paulo, no momento do episódio do Grito, por perto tocava-se um sino festivo, homenageando o Brasil.

Na reportagem disseram que este sino veio para nossa vizinha cidade de São João del Rei e está na igreja do Bairro São Geraldo.

Raimundo Ângelo Santiago (Mundinho)

Obs.: As 4 balizas deram um show de desempenho.





São Tiago: cidade de Minas Gerais conhecida como a 'terra do biscoito'

A confecção do biscoito artesanal no município mineiro de São Tiago ocorre desde o século 19 e, até hoje, essa herança cultural segue viva e ganhando reconhecimento. A festa do "Café com Biscoito", criada pela própria população local, é a prova dessa tradição. De tão saborosa, essa guloseima conquistou a Indicação Geográfica em 2012.

Os produtores de biscoitos de São Tiago, município de Minas Gerais, conquistaram o selo de Indicação Geográfica (IG) na categoria Indicação de Procedência (IP), em 2012. Concedida pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), essa certificação garante que o produto de lá não seja copiado em nenhum outro lugar.

A confecção do biscoito artesanal ocorre desde século 19 e se mantém viva até os dias de hoje, ganhando cada vez mais adoradores dessa guloseima da gastronomia mineira. Sua origem veio em conjunto com a ocupação de São Tiago, cujos relatos indicam que ela foi povoada em 1708, quando bandeirantes espanhóis seguiam pelas margens dos rios da Morte e dos Peixes.

A construção do arraial por estrangeiros deixou marcas europeias. Lá se destacam, de uma maneira muito especial, os legados referentes às receitas, que ainda hoje são encontradas. A cidade era ponto de parada, localizada em uma das comarcas mais promissoras de Minas Gerais.

Os tropeiros, aqueles que conduziam as bestas de cargas com mantimentos para serem comercializados nas cidades, eram recebidos especialmente com esses biscoitos quando chegavam, e levavam considerável quantidade quando partiam.

Na década de 1990, a fabricação de biscoito em São Tiago ultrapassou as cozinhas, com a abertura de diversas padarias. A realidade começou a ser transformada. Aos poucos, o biscoito feito à mão, ainda de modo artesanal, alcançou as cidades vizinhas. Hoje, a região é reconhecida como a "terra do biscoito".



FESTA DO 'CAFÉ COM BISCOITO'

Os biscoitos são obtidos através do amassamento e cozimento conveniente de massa preparada com farinhas, amidos, féculas fermentadas ou não, e outras substâncias alimentícias. Foto: Divulgação Sebrae

Fazer biscoitos em São Tiago é recordar gerações, é fazer o que sempre se fez, é voltar ao passado. Da simples atividade de se fazer o biscoito, se estabeleceu uma tradição local. A festa do "Café com Biscoito", criada pela própria população e que perdura por anos e

anos, é a concretização desta tradição.

No mês de setembro, ocorre o tradicional evento na Praça da Matriz, com a presença dos artesões e famílias dos grandes fabricantes de biscoitos, onde toda a cidade se concentra nessa comemoração.

É comum presentear amigos e parentes com os deliciosos biscoitos artesanais de São Tiago. Além disso, os visitantes degustam biscoitos juntamente com o café, saboreando o melhor da cidade.

Sebastião Rondon produz 16 variedades de biscoito e tem uma fábrica onde emprega 33 pessoas. Para ele, a festa é uma grande oportunidade de divulgar a produção e conquistar novos clientes.

"Hoje tenho um cliente em Salvador que conheceu os biscoitos que produzo durante a festa", afirma.

Além da Bahia, ele vende os produtos em Minas Gerais e para os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás.

"O que valoriza nosso produto é que ele ainda mantém as características artesanais, continuamos com a tradição", diz Rondon.

Com a instituição da Parada do Café-com-Biscoito, retomando as paradas dos tropeiros, São Tiago alcança objetivos culturais e econômicos, resgatando as suas tradições, fortalecendo seus valores locais e atraindo um número expressivo de turistas e visitantes.



Foto: AgMINAS

RECEITA DE FAMÍLIA

A receita é simples: os biscoitos são obtidos através do amassamento e cozimento conveniente de massa preparada com farinhas, amidos, féculas fermentadas ou não, e outras substâncias alimentícias.



Degustação biscoitos juntamente com o café: o melhor da cidade. Foto: Sebrae

Mas, o ingrediente secreto está no seio de cada família são-tiaguense, com a sua forma única e tradicional de fazer biscoitos artesanais, que é passada de geração em geração. São encontrados mais de 20 tipos de biscoitos artesanais nas padarias de São Tiago.

Atualmente São Tiago tem quase 40 fábricas que produzem uma grande variedade de biscoitos, doces e salgados. A economia da cidade hoje está totalmente baseada nas fábricas e padarias, direta

ou indiretamente, com a venda dos produtos.

O setor terciário é o grande sustento, colaborando com 51%. Seguindo os moradores da cidade, "só não trabalha quem quer", devido ao crescimento e numerosa venda dos populares biscoitos de São Tiago. O pico da produção ocorre entre julho e agosto, e atinge cerca de 15 mil toneladas.

Fonte: Sebrae e Agência Minas